

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
FRANCISCA RAFAELA BEZERRA DE MEDEIROS

**ELEMENTOS PARA A MICROESTRUTURA DE UM
GLOSSÁRIO SEMITRILÍNGUE DOS TERMOS DA
AUDIODESCRIÇÃO**



F U N C A P

FORTALEZA – CEARÁ

2012

FRANCISCA RAFAELA BEZERRA DE MEDEIROS

ELEMENTOS PARA A MICROESTRUTURA DE UM GLOSSÁRIO SEMITRILÍNGUE
DOS TERMOS DA AUDIODESCRIÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes

Co-Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vera Lúcia Santiago Araújo.



F U N C A P

FORTALEZA – CEARÁ

2012

M537e Medeiros, Francisca Rafaela Bezerra de
Elementos para a microestrutura de um glossário
semitrilíngue dos termos da audiodescrição / Francisca
Rafaela Bezerra de Medeiros – Fortaleza, 2012.
131p.

Orientadora: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.
Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) –
Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Audiodescrição 2. Terminologia 3. Glossário
I. Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD 418.02

TÍTULO: “ELEMENTOS PARA UMA MICROESTRUTURA DE UM GLOSSÁRIO SEMITRÍLINGUE DOS TERMOS DA AUDIODESCRIÇÃO”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem
Linha de Pesquisa: Pragmática Cultural e Estudos Críticos da Linguagem.

Autora: Francisca Rafaela Bezerra de Medeiros Conceito obtido: Satisfatório

Defesa em: 29/03/2012 Nota obtida: 9,0

BANCA EXAMINADORA

Antônio Luciano Pontes

Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Vera Lúcia Santiago Araújo

Profa. Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo (Co-orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Maria do Socorro Silva de Aragão

Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Expedito Eloísio Ximenes

Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes
Universidade Estadual do Ceará – UECE

DEDICATÓRIA

Dedico de coração, a Deus, Rei meu, por sua grande misericórdia na minha vida.

A meus pais e minha querida amiga, a escritora Margarete Solange.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me proporcionado a oportunidade de cursar o mestrado e por me dar forças nos momentos difíceis e cansativos desta pesquisa.

Aos meus pais, Gorete e Zezito, pelo amor.

Ao meu noivo, Manoel Clezio, que sempre me deu forças e me entendeu nos momentos que, dedicada a esta pesquisa, não pude lhe dar atenção.

À minha querida amiga Margarete Solange pelo incentivo e orientações.

Ao meu orientador professor Dr. Luciano Pontes pelas orientações e paciência.

À professora Dra. Vera Santiago pelas grandes contribuições e co-orientações.

Aos professores da Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, pela rica contribuição de suas aulas.

Aos meus colegas do Mestrado, João, Walquiria, Osmina, Alexandra, Elida, Bruna, Klistenes e Juarez.

À FUNCAP pelo apoio financeiro.

Porque desde a antiguidade não se ouviu, nem com ouvidos se percebeu, nem com os olhos se viu um DEUS além de Ti, que trabalhe para aquele que Nele espera.

Isaías 64:4

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo maior a elaboração de uma proposta de microestrutura de um glossário semitrilíngue de termos da Audiodescrição (AD), cujo público-alvo seria pesquisadores, profissionais e interessados em AD no Brasil. No que diz respeito aos aspectos teóricos, nos baseamos em autores da Terminologia e da Terminografia bilíngue como Cabré (1999), Krieger & Finatto (2004), Welker (2004), Barbosa (1990), Barros (2004), Pontes (2009), Schmitz (2001). Em relação à metodologia do trabalho, nos fundamentamos, notadamente, em Berber Sardinha (2004), Almeida (2006), Aubert (1996) e Barbosa (1995). As principais etapas de nossa pesquisa consistiram, primeiramente, na constituição do corpus da literatura referente à AD. Em segundo lugar, delimitamos os termos que seriam tratados em nosso glossário com base no *corpus* e no programa *WordSmith Tools*, para logo depois, organizarmos cada termo na árvore de domínio. Em seguida, armazenamos esses termos em fichas terminológicas dispostas em uma base de dados do *Microsoft Access*. Para finalizar, executamos a etapa de preenchimento da microestrutura com os termos e as informações armazenadas. Os termos foram organizados de forma semasiológica, ou seja, partindo do termo para o conceito e em ordem alfabética. Vinte termos foram extraídos para a demonstração do glossário. Dessa forma, esperamos que esse trabalho possa contribuir positivamente para os pesquisadores, estudiosos e interessados em AD, bem como, ampliar os estudos sobre AD no Brasil, a fim de dar margem à futuras pesquisas.

Palavras-chave: Audiodescrição. Terminologia. Glossário.

ABSTRACT

The present work aims at the elaboration of a microstructure for the preparation of a semi trilingual glossary of terminology terms to be used in AD, whose target public are researchers, professionals and people interested in AD in Brazil. We base our theoretical sources on terminology and bilingual terminography authors as Cabré (1999), Krieger & Finatto (2004), Welker (2004), Barbosa (1990), Barros (2004), Pontes (2009) and Schmitz (2001). Concerning the work methodology we base our study in the works from Berber Sardinha (2004), Almeida (2006), Aubert (1996) and Barbosa (1995). First of all, we constituted the corpus of literature on AD. Secondly, we delimited the terms that would appear in the glossary using the corpus and the program *Word Smith Tools*, after we organized into a domain tree. Then, we store these terms in terminology records arranged in a database Microsoft Access. To finish we perform the step of filling with the terms of the microstructure and the information stored. The terms are arranged semasiology, ie, starting from the term for the concept and alphabetical order. Twenty terms were extracted, as a demonstration of the glossary. Thus, we expect that this work can contribute positively to the researchers, scholars and interested in AD, as well as expand the studies on AD in Brazil in order to give rise to future research.

Keywords: audio description. Terminology. Glossary.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Lista de <i>Keywords</i>	77
Tabela 2- Lista de <i>clusters</i>	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Mapa conceitual (árvore de domínio).....	69
Gráfico 2 – subdomínios relacionados ao domínio.....	76
Gráfico 3 – árvore de domínio preenchida com os termos.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – A tipificação de dicionários bilíngues de Schmitz (2001).....	46
Quadro 2 – Diferenças entre os tipos de remissivas.....	60
Quadro 3 - Barbosa 1995.....	87
Quadro 4 – Microestrutura adotada.....	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Janela principal do <i>Wordsmith 5.0</i>	71
Figura 2 - Janela do <i>Wordlist</i> , opção <i>Setting</i> e <i>Choose Texts</i>	72
Figura 3 - Na janela <i>Choose Texts</i> , os textos armazenados são selecionados.....	72
Figura 4- Tela <i>Getting Started</i>	73

Figura 5 - Lista de palavras por ordem de frequência gerada pela ferramenta <i>Wordlist</i>	73
Figura 6- Tela <i>Getting Started</i> no <i>Keyword</i>	74
Figura 7- palavras-chave geradas pela ferramenta <i>Keyword</i>	75
Figura 8- janela inicial da ferramenta <i>Concord</i>	77
Figura 9- janela <i>getting started</i> da ferramenta <i>Concord</i>	78
Figura 10- janela da ferramenta <i>Concord</i> com a opção de configurar a busca dos <i>clusters</i>	79
Figura 11- janela <i>Cluster Setting</i>	79
Figura 12- lista de <i>Clusters</i>	80
Figura 13 – Fichas terminológicas armazenadas em pasta no computador.....	82
Figura 14 – Base de dados <i>Microsoft Access</i> (modelo de Ficha Terminológica).....	83
Figura 15 – Ficha Terminológica preenchida na base de dados <i>Microsoft Access</i> ...	85

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD – Audiodescrição

ADJ – Adjetivo

ES – Espanhol

ING- Inglês

LC - Linguística de Corpus

PD - Paradigma Definicional

PFE - Paradigma de Formas Equivalentes

PI - Paradigma Informacional

POsLA - Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada

PP - Paradigma pragmático

S - Substantivo

SAP - Programa Secundário de Áudio

TAV – Tradução Audiovisual

TCT - Teoria Comunicativa da Terminologia

TGT - Teoria Geral da Terminologia

TR- Termo referente

TST - Teoria Sociocognitiva da Terminologia

UECE- Universidade Estadual do Ceará

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

V - Verbo

WST - *Wordsmith Tools*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1. OBJETO DE ESTUDO: AUDIODESCRIÇÃO - UMA MODALIDADE DE TRADUÇÃO.....	20
1.1 - Audiodescrição: definição.....	20
1.2 - A audiodescrição no mundo: pesquisas e publicações	22
1.3 - A audiodescrição no Brasil: pesquisas e publicações.....	27
2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	33
2.1- A Terminologia.....	33
2.2 - A Teoria Comunicativa da Terminologia.....	36
2.3 - Dicionários.....	39
2.3.1- Dicionário Monolíngue.....	41
2.3.2- Dicionário Multilíngue.....	42
2.4 - Organização interna de uma obra lexicográfica/terminográfica.....	48
2.4.1 - A Macroestrutura.....	48
2.4.1.1- O tamanho da macroestrutura.....	49
2.4.1.2- O lema.....	49
2.4.1.3- Palavras frequentes.....	49
2.4.2- A Microestrutura.....	50
2.4.2.1 – A cabeça do verbete.....	52
2.4.2.2 – Definição.....	53

2.4.2.3 – Contextos.....	56
2.4.2.4 – Exemplos.....	58
2.4.2.5 – Remissivas.....	59
2.4.2.6 – Equivalentes.....	60
3. METODOLOGIA.....	62
3.1 Procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa.....	62
3.1.1 - Linguística de Corpus (LC).....	62
3.1.2 - A representatividade do corpus.....	64
3.1.3- Constituição do Corpus.....	65
3.1.4- Árvore de domínio.....	68
3.1.5- Fichas terminológicas.....	69
3.1.6- Público-alvo.....	70
3.2 Descrição e processo de produção da proposta da microestrutura do glossário.....	71
3.2.1 - Critérios para a escolha dos termos.....	71
3.2.2 - Organização das fichas terminológicas	81
3.2.3 - Critérios para a organização da microestrutura.....	86
4- GLOSSÁRIO DEMONSTRATIVO	
4.1- Guia de uso do Glossário.....	90
4.2- Glossário semitrilingue de termos da Audiodescrição.....	91
4.3- Índices remissivos inglês/português e espanhol/português.....	100

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	105
FONTE.....	113
ANEXOS.....	115

INTRODUÇÃO

O deficiente visual enfrenta inúmeros obstáculos em seu processo de inclusão na sociedade, sendo para eles, ainda mais difícil o acesso às informações. As pessoas cegas ou com baixa visão encontram barreiras sociais, não só em relação à questões adaptativas, mas também à questões que se referem a acessibilidade à televisão, ao teatro e ao cinema.

No Brasil, a preocupação com a situação social dos deficientes visuais em relação à acessibilidade de informações tem sido alvo de discussões no meio dos pesquisadores em tradução audiovisual (TAV), visto que, de acordo com Payá (2007a, p. 81) “as imagens não estão apenas para representar coisas, mas possuem um poder transformador sobre quem as ver”. O cinema e a televisão constituem uma ferramenta indispensável de acessibilidade nos âmbitos relacionados à cultura e também com a construção pessoal, criativa e de crítica social. Seguindo esse pensamento, Díaz Cintas (2007) defende que um dos objetivos da tradução é possibilitar o acesso às informações que de outro modo seria impossível.

Dentre os estudos da tradução, podemos destacar a Audiodescrição (AD) como uma das práticas de tradução audiovisual mais conhecida. A AD é uma modalidade de tradução que desenvolve recursos de acessibilidade para atender as necessidades de pessoas com deficiência visual. Através da AD, todas as informações que não estão contidas nos diálogos e trilhas sonoras são descritas, tornando as imagens também acessíveis para aquelas pessoas que não enxergam.

Até agora, no Brasil, existe legislação governamental para a implantação da audiodescrição nos canais de televisão. Em julho de 2011, entrou em vigor a portaria 188/2010, que garante através da função SAP (Programa Secundário de Áudio), pelo menos duas horas de programação audiodescrita na TV brasileira. Essa portaria já teve o prazo prorrogado por duas vezes, quando publicada pelo Ministério das Comunicações em 2006. Ela prevê que todas as emissoras de televisão do

Brasil, em sinal digital exibam, em dez anos, no mínimo, 20 horas semanais de programas audiodescritos.

Com a finalidade de atender à crescente demanda que já se observa no país, a partir da lei da AD para a televisão, algumas universidades, tais como a UECE, a UFMG e a UFBA estão trabalhando na formação de profissionais de audiodescrição. Além disso, através de pesquisas fundamentadas nos aportes teóricos dos estudos de tradução, da semiótica social e da multimodalidade, tentam garantir acessibilidade para os deficientes visuais ao teatro, ao cinema, aos DVDs e aos museus.

Desse modo, considerando a audiodescrição uma área de estudo recente que está sendo pesquisada dentro da academia, destacamos que a motivação inicial para a realização desse trabalho, esteve na preocupação com a não utilização adequada do léxico da AD que circula no ambiente em que estão inseridas pessoas de motivações diferentes, de conhecimentos diferentes, mas participam do mesmo universo discursivo. Observamos que os termos *audiodescritor narrador*, *locutor*, e *roteirista* são utilizados como tendo a mesma definição. Além desses termos, podemos observar que outros ainda não estão bem definidos para muitos, até mesmo para os profissionais da área.

A proposta dessa pesquisa é justificada pelo fato de ser a AD uma nova área de estudo dentro da academia, e necessitar de um produto terminológico dentro de uma orientação científica. Justifica-se também pela relevante consolidação da AD como ciência, já que, segundo Krieger e Finatto (2004, p. 17) “uma ciência só começa a existir ou consegue se impor na medida em que faz existir e impõe seus conceitos, através de sua denominação”.

Acreditamos que esse trabalho seja pertinente, pois faltam glossários na área que venham ser utilizados para ajudar na compreensão do uso de um termo em determinada situação.

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho é propor elementos para a constituição da microestrutura de um glossário semitrílingue¹ com termos da AD, sendo respaldado nos pressupostos teóricos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) e direcionado à pesquisadores, profissionais e interessados em AD no Brasil.

Assim como muitas áreas especializadas, a AD possui termos técnicos que circulam dentro de seu universo discursivo. Desse modo, podemos fazer um elo entre duas áreas de estudos: a AD e a Terminologia, já que a Terminologia constitui-se de um conjunto de métodos e atividades direcionados para a coleta, descrição, processamento e apresentação de termos de determinada especialidade. É também uma área de estudo que desenvolve, dentro de um mesmo campo de atuação e interesse, intercâmbios entre especialistas. Hoje no Brasil, tem se observado a importância dos estudos da terminologia especializada através dos números de produções já realizadas, por exemplo, em teses e dissertações, bem como em projetos de pesquisas que são desenvolvidos em grandes universidades brasileiras. Na UECE, por exemplo, já na graduação, a disciplina terminologia/lexicologia é ofertada na grade curricular, assim como no Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada na linha de pesquisa: Tradução, Lexicologia e Processos Cognitivos. Esse crescimento na área da Terminologia tem mostrado a importância das pesquisas nesse campo de estudo e, portanto, despertado para uma conscientização maior acerca da pertinência de se criar produtos terminológicos, a fim de uma melhor eficácia no processo comunicativo nas áreas em que existem termos técnico-científicos especializados.

Tomando por base os estudos da terminologia e o interesse dos linguistas sobre a constituição e o funcionamento dos termos técnicos para uma melhor discussão dentro de cada área de especialidade, é possível observar a importância da Terminologia para esta pesquisa. Em busca de obras terminológicas para

¹ Chamamos de semitrílingue por apresentar todas as informações do verbete (definição, informação gramatical, contexto, notas, etc) na língua de partida, no caso, o português, e equivalentes nas línguas espanhola e inglesa.

consulta, constatamos que nenhuma pesquisa foi realizada no Brasil sobre a linguagem da AD. Percebemos, então, a necessidade de um trabalho como esse, que une a Terminologia à linguagem da audiodescrição.

Dessa forma, fundamentados na Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) de Maria Teresa Cabré (1999), que se centra no léxico especializado, buscamos encontrar informações que nos ajudasse a responder as seguintes questões de pesquisa: a) A elaboração de um glossário servirá para a sistematização do conhecimento na área? b) Que critérios adotar para a elaboração da microestrutura de um glossário semitrilíngue de termos da audiodescrição? c) Quais os elementos que servirão para a confecção de um glossário na área da AD?

Assim, esta dissertação está organizada em quatro capítulos: o primeiro apresenta o objeto de estudo da pesquisa: a audiodescrição; o segundo compreende os pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa: A Teoria Comunicativa da Terminologia; o terceiro está voltado para os procedimentos metodológicos adotados tais como: as ferramentas utilizadas, a constituição do corpus, e a descrição e o processo de produção da proposta da microestrutura do glossário, e o quarto o glossário demonstrativo apresentando vinte termos.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos os resultados da nossa pesquisa. Em seguida, apontamos a bibliografia que serviu como referências citadas, as fontes, e os anexos com a árvore de domínio preenchida, as fichas terminológicas e a lista de palavras-chave mais frequentes do corpus da pesquisa.

Em síntese, o nosso trabalho tem o propósito de concorrer para o avanço dos estudos na área da audiodescrição, a fim de dar margem a futuras pesquisas. Além disso, busca contribuir para a operacionalização da prática da Terminologia por tradutores e pesquisadores da AD.

1. OBJETO DE ESTUDO: AUDIODESCRIÇÃO - UMA MODALIDADE DE TRADUÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos o objeto de estudo desta pesquisa, que se inicia com a Audiodescrição e sua definição. Em seguida, apresentaremos as pesquisas e publicações da AD no mundo e no Brasil.

1.1 Audiodescrição: definição

A audiodescrição (AD) se constitui em um recurso de acessibilidade desenvolvido com a finalidade de atender as necessidades de pessoas com algum tipo de deficiência visual.

Baseado na classificação de Jakobson (1995), a AD pode ser chamada de tradução por se encaixar no terceiro dos seguintes tipos de tradução apresentado pelo autor:

1. Tradução intralinguística ou *reformulação* (uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua);
2. Tradução interlinguística ou *tradução propriamente dita* (uma interpretação de signos verbais por meio de outra língua);
3. Tradução intersemiótica ou *transmutação* (uma interpretação de signos verbais por meio de signos de sistemas não-verbais). (JAKOBSON, 1995, p. 64)

Portanto, a AD é uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica por ser uma tradução do visual para o verbal.

A audiodescrição é um campo de estudo que ainda tem um número pequeno de pesquisadores que se interessam por essa modalidade de tradução audiovisual. Por isso, encontramos definições, que muitas vezes, são o reflexo da aplicabilidade desses pesquisadores, como: relatos de experiências, atividades profissionais e também definições detalhadas e fundamentadas teoricamente. Vejamos algumas definições formuladas por esses pesquisadores:

Segundo Snyder (TRANSLATING TODAY, 2005) a AD é uma espécie de forma de arte literária.

A AD consiste na transformação de imagens visuais em palavras, que então são faladas nos intervalos silenciosos de programas audiovisuais ou performances ao vivo.² (DÍAZ CINTAS, 2005, p. 4)

Para Payá (2007a, p. 82) “é traduzir imagens em palavras”.

Trata-se, portanto, de uma narração que é inserida nos espaços em que o texto audiovisual não apresenta elementos acústicos e que descreve aquilo que se vê.³ (JIMENEZ-HURTADO, 2007, p. 55).

Segundo Matamala (2007a, p. 121), a AD:

Consiste em um conjunto de técnicas e habilidades aplicadas, com o objetivo de compensar a carência da captação da parte visual contida em qualquer tipo de mensagem, promovendo uma informação sonora adequada que traduz, ou explica ao deficiente visual a mensagem com um todo harmônico, de forma que o deficiente visual consiga captar a mensagem da mesma forma que os que não possuem problemas visuais.

²Texto original: AD consists in transforming visual images into words, which are then spoken during the silent intervals of audiovisual programmes or live performances.

³Texto Original: Se trata de una narración que se inserta en los espacios en los que el texto audiovisual no presenta elementos acústicos y que describe aquello que se ve.

De acordo com Salway (2007), a AD é uma descrição das informações visuais através de um canal de áudio utilizado para garantir a acessibilidade audiovisual aos deficientes visuais.

De Coster e Mülheis (2007, p. 189), em seu estudo para a AD de esculturas tridimensionais, definem a AD como a tradução em palavras das impressões visuais de um objeto, tais como: filme, obra de arte, peça de teatro, espetáculo de dança ou evento esportivo.

Já, para Holland (2009), que tem estudado a AD para o teatro, a audiodescrição é um recurso oferecido às pessoas com deficiência visual com o objetivo de descrever, nos intervalos das falas, diálogos e comentários, de forma clara, viva e concisa, o que está acontecendo na tela ou no palco.

Através dessas definições, podemos observar que a AD necessita de uma sistematização dos elementos que a constitui, ou seja, uma definição objetiva, generalizada, que alcance essas várias vertentes em que ela tem sido objeto de estudo.

1.2 A audiodescrição no mundo: pesquisas e publicações

Segundo Casado (2007, p. 152), “a AD é tão antiga quanto à atividade de narrar o que acontece no mundo por parte do ser humano com ou sem visão”. A AD teve início por volta de 1981 na *Arena Stage Theatre* de Washington DC. Foi um resultado do trabalho de Margaret e Cody Pfanstiehl. Neste mesmo ano, os Estados Unidos fundaram serviços de AD. No ano de 1983, ocorreu no Japão as primeiras audiodescrições realizadas na televisão, pela cadeia NTV (CASADO, 2007, p. 152). Em 1989, o primeiro filme audiodescrito foi exibido na Europa em um Festival de Cannes.

Até onde sabemos, a modalidade de AD usada em tradução de filmes e programas de TV tem sido uma das mais pesquisadas. Neste sentido, a maioria das publicações acerca da AD são, normalmente, relatos de audiodescritores que querem dividir com o público sua experiência profissional, fazendo com que sua experiência pessoal sirva de regras e possam ser aplicadas em diferentes contextos.

As primeiras referências à audiodescrição em publicações especializadas na área de tradução datam do início dos anos 2000. Em 2004, a revista *META* dedica um número de sua edição a tradução audiovisual. Em um dos artigos publicados pela revista, Benecke (2004) faz um breve histórico e descreve, resumidamente o modelo alemão de audiodescrição. No número seguinte, no artigo de Hernández-Bartolomé e Mendiluce-Cabrera (2004), a AD é apresentada como um tipo de tradução especializada e uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica. Nesse mesmo artigo, os autores traçam uma visão mais completa do desenvolvimento da AD nos Estados Unidos e na Europa, principalmente na Espanha. Também fazem uma descrição detalhada das etapas do processo da audiodescrição, discutem a sua importância para o cinema e para o teatro e defendem que a AD deve ser feita por tradutores profissionais.

Em 2005, no quarto número da revista *Translating Today*, mais artigos sobre o tema são publicados com relatos de tradutores falando da sua prática. Veronika Hyks (2005), por exemplo, faz algumas observações importantes acerca do seu trabalho com AD, como: o audiodescritor é quem decide o que será traduzido, o que é relevante para o entendimento do programa; a AD exige um trabalho em equipe, pois ela não pode ser feita baseada apenas em uma única opinião; nem todas as pausas precisam ser preenchidas; o tipo de filme influencia na descrição e na linguagem na hora da produção do roteiro; e a última observação, refere-se ao estilo da narração, pois, segundo a autora, na AD, não se deve usar vocabulário rebuscado.

Entre vários artigos na revista, encontra-se também o de Snyder (2005). Há 25 anos ele trabalha com a audiodescrição, e descreve-a como uma forma de arte

literária, que transforma o visual em verbal. Ainda nesse mesmo artigo, o autor cita o caráter pedagógico da AD. Segundo ele, o professor que tem conhecimento sobre audiodescrição passa a desenvolver uma linguagem mais descritiva. Dessa forma, os livros infantis, que são repletos de gravuras, se tornariam mais acessíveis para as crianças cegas e também desenvolveriam habilidades linguísticas nas crianças que enxergam.

Nessa mesma revista, Díaz Cintas (2005), argumenta a favor da inclusão da audiodescrição no escopo da tradução audiovisual e propõe que a acessibilidade seja usada como um conceito guarda-chuva para unir as diversas práticas da área. Matamala (2005), fala também sobre a importância da audiodescrição para a ópera e descreve uma experiência pioneira na Catalúnia. Já Orero (2005a), discute sobre o ensino na área de acessibilidade audiovisual e sugere que disciplinas obrigatórias sejam oferecidas em nível de graduação.

Também em 2005, na revista *Quaderns* em um número dedicado à tradução audiovisual, Orero (2005b) publica um artigo sobre a acessibilidade aos meios de comunicação, onde menciona a audiodescrição, a legenda fechada e a tradução para a Web. Nesse mesmo ano, Orero (2005c) volta a tratar do assunto, em artigo publicado na *Translation Watch Quarterly*, dedicando-se, dessa vez, exclusivamente à questão da audiodescrição. A autora apresenta uma visão geral da situação na Espanha e faz críticas à norma espanhola referente à AD.

Em 2007, é publicado um novo número da revista *Translation Watch Quarterly* dedicado inteiramente à acessibilidade. Nessa revista, constam os artigos sobre audiodescrição de Matamala (2007b), que escreve acerca da AD na Catalúnia; Pujol e Orero (2007), que falam sobre dois elementos da AD usados desde o advento da televisão, a *ekphrasis* (descrição) e os narradores; e Fuertes e Martinez (2007), que relatam sobre as normas espanholas que se dedicam a promoção da acessibilidade à mídia, entre elas a UNE 153020 referente à AD.

Também em 2007, é lançado o livro *Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language* (DÍAZ CINTAS, ORERO, REMAEL, 2007) com nove trabalhos sobre audiodescrição. Os textos falam de diversos assuntos, como por exemplo, a pesquisa de Salway (2007), baseada na Linguística de Corpus que sugere a existência de uma linguagem própria à AD. O livro apresenta também, um texto de Bourne e Hurtado (2007), que fazem uma análise contrastiva da audiodescrição do filme *The Hours* em inglês e em espanhol; um texto De Coster e Mühleis (2007) que trata da AD de obras de arte; e Matamala e Orero (2007) que escrevem sobre a AD para a ópera na Catalúnia. O livro apresenta também trabalhos dedicados à AD de espetáculos de balé, e um primeiro esboço do que poderia ser um guia único internacional para a criação de roteiros de AD. (Há uma nova publicação do livro *Media for All: Subtitling for the Deaf, Audio Description and Sign Language* que não foi possível incluir na pesquisa).

Ainda em 2007, o livro *Traducción y Accesibilidad: subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción Audiovisual* (JIMENEZ HURTADO, 2007) é publicado com dezesseis trabalhos, dos quais, quatorze são sobre audiodescrição. Nesse livro, podemos encontrar textos falando sobre a relação entre a linguagem cinematográfica e a AD, bem como entre a AD e a linguagem literária, a audiodescrição com apoio tátil e a caracterização dos personagens nos roteiros audiodescritos.

Nesse mesmo livro, queremos destacar os textos de um grupo de pesquisadoras espanholas Jimenez-Hurtado (2007), Payá (2007a) e Ballester (2007). As três compilaram e analisaram um corpus de 210 filmes audiodescritos em quatro línguas (alemão, francês, inglês e espanhol) e a partir daí, cada uma delas examinou aspectos distintos relacionados à AD.

Payá (2007a) faz uma comparação entre dois tipos de roteiros: o do filme e o da AD. Através da análise do filme *Pulp Fiction* de Quentin Tarantino (1994), a autora mostra que os dois roteiros possuem objetivos diferentes mesmo quando focalizam a mesma cena. Com isso, conclui que os dois roteiros são distintos.

Ballester (2007) apresenta estratégias para caracterizar os personagens de uma AD. Para a autora, na medida em que os personagens aparecem na tela é que eles vão sendo descritos. E essa descrição deve ser feita ao longo do filme, visto que, na maioria das vezes, são pequenos os tempos sem fala em que a AD pode ser inserida.

Jimenez-Hurtado (2007), através da Linguística de Corpus, tenta criar fundamentos para uma gramática local, que servirá de base na produção de parâmetros para a AD. Para a análise do corpus de 210 filmes audiodescritos, ela utiliza o programa *Wordsmith Tools*, que oferece a ferramenta *Concord*, de onde foi possível observar os termos que aparecem, as informações sintáticas e as categorias semânticas associadas. Dessas concordâncias e colocações foi possível extrair o uso e o significado dos conceitos e termos desejados, entre outros usos. Houve também a extração de informação acerca de determinadas estruturas gramaticais que expressam funções como o tempo ou situação espacial, conceitos, semântica e sintática dos roteiros.

Em 2008, é lançado o livro *Accesibilidad a los Medios Audiovisuales para Personas con Discapacidad - AMADIS' 07* (JIMENEZ HURTADO, DOMÍNGUEZ, 2008), tendo como foco principal a formação, a pesquisa e a inovação na área de acessibilidade para pessoas com deficiência aos meios audiovisuais. O livro apresenta quatro trabalhos diretamente ligados à audiodescrição. São os trabalhos de Martín, Crespo e Pozo (2008), Valdés (2008), García, Adams e Ruiz (2008) e Posadas (2008).

Em 2009, no livro *Audiovisual translation: language transfer on screen* (ANDERMAN & DÍAZ CINTAS, 2009), um artigo envolvendo a audiodescrição de obras de arte, de Holland (2009), é publicado. Ele faz um relato de três estudos de caso realizados por ele no contexto do projeto *Talking Images* (Imagens que falam). Com o objetivo de examinar se a AD de uma obra de arte deveria adotar ou não a norma da não interpretação, duas versões de AD foram feitas para o quadro do artista Nicholson Intitulado *Ramparts*, um óleo sobre placa entalhada de 1968.

Nesse sentido, o autor conclui que os valores táteis na audiodescrição devem ser bastante trabalhados em toda descrição e que a interpretação é essencial para que o deficiente visual possa ter a prazerosa experiência de apreciar uma obra de arte.

Nos anos de 2009 e 2010, mais dois livros referentes à AD são publicados: *New Trends in Audiovisual Translation* (DIAZ CINTAS, 2009) e *New Insights Into Audiovisual Translation and Media Accessibility* (DIAZ CINTAS, MATAMALA, NEVES, 2010).

Apesar de várias publicações, é importante destacar que a audiodescrição não se encontra no mesmo estágio de desenvolvimento em todas as partes do mundo. Atualmente, os países que mais investem na AD com produtos audiovisuais em geral, são Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, Espanha, França, Bélgica, Canadá, Áustria e Argentina (FRANCO, 2007). Porém, em países como o Brasil, por exemplo, a AD ainda dá seus primeiros passos.

1.3 A Audiodescrição no Brasil: pesquisas e publicações

A audiodescrição no Brasil foi realizada pela primeira vez, em 2003, durante um festival de cinema temático *Assim Vivemos: Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência* promovida a cada dois anos por uma produtora cinematográfica do Rio de Janeiro. Em 2005, dois anos depois, é lançado em DVD o primeiro filme com audiodescrição no país, *Irmãos de Fé*, seguido de *Ensaio sobre a Cegueira* em 2008, *Chico Xavier* em 2009, *Turma da Mônica: Cine Gibi 5* em 2010 e *Nosso Lar* em 2011. Não obstante, a AD vai também se expandindo para outros meios. Em 2007, é exibido no teatro em São Paulo o primeiro espetáculo com audiodescrição, a peça *Andaime*. Já na televisão, em 2008, a marca Natura promove a primeira propaganda com o recurso. No mesmo ano, acontece em Salvador o primeiro espetáculo de dança audiodescrita, *Os Três Audíveis*. Em Manaus no ano de 2009, o deficiente visual pôde apreciar a primeira ópera audiodescrita. E em julho de 2011, finalmente, entra em vigor a portaria 188/2010, publicada pelo Ministério das

Comunicações desde 2006. Através da função SAP (Programa Secundário de Áudio), a portaria garante pelo menos duas horas de programação com audiodescrição na TV brasileira e ainda prevê que, em dez anos, todas as emissoras de televisão do Brasil que tenham sinal digital exibam, no mínimo, 20 horas por semana de programas com audiodescrição.

A partir da divulgação da lei de acessibilidade que torna o recurso da audiodescrição um direito garantido pela legislação brasileira e que as emissoras de TV foram obrigadas a oferecê-la por duas horas diárias de sua programação (FRANCO, SILVA, 2010), a AD começou a ser discutida e praticada por diversos segmentos de iniciativas privadas, como: produtores de filmes, publicitários, empresas de telefonia e outros. Dentre essas iniciativas, os grupos de pesquisa acadêmicos têm se destacado, principalmente através de áreas do conhecimento como os Estudos da Tradução, mais especificamente a Tradução Audiovisual (TAV).

Desde 2004, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), a pesquisa e a implementação da AD vêm sendo realizadas pela professora e pesquisadora Dra. Eliana Paes Cardoso Franco. A professora também coordena o primeiro grupo de pesquisa no país a se dedicar ao estudo sistemático e a execução da acessibilidade audiovisual através da AD chamado: Tradução, Mídia e Audiodescrição (TRAMAD). Esse grupo de pesquisa é certificado pelo CNPq e reúne pesquisadores e voluntários graduados e pós-graduados que realizam estudos com o objetivo de criar um modelo de audiodescrição que vá ao encontro das necessidades e preferências do público brasileiro com deficiência visual. O grupo produziu alguns roteiros de AD de curtas-metragens, bem como a produção, finalização e revisão para roteiros de quatro longas-metragens. Também produziu o roteiro do filme *Ensaio sobre a Cegueira* lançado em DVD no ano de 2008. Foi também na UFBA, através do programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, que saiu a primeira dissertação sobre AD no país, **Com os olhos do coração: Estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil** (SILVA, 2009).

Em 2007, num número especial da *TradTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia* da Universidade de São Paulo (FRANCO, ARAÚJO, 2007), é publicado o artigo da professora Eliana Franco (2007) com os primeiros resultados da pesquisa de recepção em audiodescrição realizada na cidade de Salvador pelo grupo TRAMAD. Essa pesquisa, segundo a autora, busca elaborar um modelo de audiodescrição que vá de encontro às necessidades e preferências do público deficiente visual brasileiro (FRANCO, 2007, p. 171). Para a pesquisa foram selecionados dez participantes e escolhido o filme de curta-metragem, *Pênalti* de Adler Kibe Paz, com duração de 8 minutos para fazer a audiodescrição, em seguida foi elaborado um questionário de compreensão do filme, posteriormente aplicado aos participantes, os quais foram divididos em dois grupos de espectadores deficientes visuais: um que assistiu ao filme sem AD, e outro que assistiu com AD. Depois de aplicado o teste de compreensão, sem e com a audiodescrição, Franco (2007, 183) obtém os seguintes resultados:

O primeiro grupo, aquele que assistiu apenas a versão original sem audiodescrição, a porcentagem de respostas certas foi de 40%. [...] No grupo que assistiu ao filme com audiodescrição, o nível de acertos foi de 95%, com exceção de pequenos detalhes que não ficaram muito claros [...]

A autora termina o texto concluindo que é óbvio que a audiodescrição possibilita a compreensão total do enredo de um filme ou programa. Além disso, ela preconiza que, embora a questão da acessibilidade pareça ainda não ter importância, num país em desenvolvimento como o Brasil, a AD deve ser reforçada e ativada no nosso país, a fim de garantir o acesso de milhões de cidadãos brasileiros ao meio audiovisual.

Na Universidade Estadual do Ceará (UECE), há outro grupo de pesquisa que vem se dedicando, desde 2008, à acessibilidade de pessoas com deficiência visual através da audiodescrição, o LEAD (Legendagem e Audiodescrição), coordenado pela professora e pesquisadora Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo e formado por

mestrandos em Linguística Aplicada e graduandos em Letras da UECE. O grupo promove através da AD e da janela de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e da legendagem, acessibilidade audiovisual no cinema, teatro e museus para pessoas cegas e surdas. O LEAD vem desenvolvendo, no estado do Ceará, trabalhos sobre AD em eventos, como a audiodescrição de filmes, peças, festivais de cinema acessíveis e visitas guiadas a teatros. Além disso, a professora Vera Santiago, juntamente com o grupo LEAD tem desenvolvido, desde 2010, o projeto DVD Acessível, com o objetivo de criar uma videoteca de filmes nacionais com DVDs que tenham recursos de acessibilidade para pessoas com alguma deficiência. Esses DVDs possuem o título do filme em Braille, AD, menus com audionavegação, janela de LIBRAS e legenda para surdos e ensurdecidos.

Em 2011, através do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da UECE, duas dissertações sobre AD foram publicadas, uma intitulada: **Cinema acessível para pessoas com deficiência visual: a audiodescrição de O Grão de Petrus Cariry** (BRAGA, 2011), que investigou, com base nos fundamentos teóricos de análise de AD elaborados por pesquisadores espanhóis, a tradução audiovisual do cinema para pessoas com deficiência visual através da AD do filme *O Grão*. A outra dissertação intitula-se: **Ouvindo Imagens: a audiodescrição de obras de Aldemir Martins** (OLIVEIRA JÚNIOR, 2011), que tendo como referencial teórico os estudos da tradução audiovisual e da multimodalidade, propôs a AD de obras de arte para deficientes visuais em museus.

Há também outras duas universidades que contam com pesquisadores interessados na AD, são elas a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), através do pesquisador Dr. Francisco Lima, e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com as professoras Dra. Célia Magalhães e a Dra. Adriana Pagano, que em parceria com a UECE, têm desenvolvido uma pesquisa que busca encontrar um modelo de audiodescrição através da multimodalidade, da semiótica social e dos estudos de tradução. Como primeira produção dessa pesquisa, temos o artigo das professoras Célia Magalhães e Vera Santiago (prelo), onde elas apresentam o primeiro procedimento metodológico proposto por meio da audiodescrição do quadro

de “Las Meninas”, de Diego Velazquez, baseado na semiótica social e multimodalidade. O texto relata o trabalho em andamento que enfoca a necessidade da AD em museus para deficientes visuais. Com a ajuda de leituras multimodais de pinturas, a pesquisa tem o objetivo de criar uma metodologia para a elaboração de roteiros de AD para deficientes visuais a serem usados em áudio-guias de museus.

Além dos grupos de pesquisa, as publicações também contribuem para a divulgação e o crescimento da AD no Brasil. Como por exemplo, os artigos dos próprios pesquisadores dos grupos relatando resultados das pesquisas, bem como, o resultado das monografias e dissertações dos alunos graduandos e pós-graduandos envolvidos nas pesquisas. Em 2010, saiu a publicação do primeiro livro brasileiro sobre AD, **Audiodescrição: Transformando imagens em palavras**, organizado por Livia Maria Villela de Mello Motta e Paulo Romeu Filho. O livro reúne 28 textos com trabalhos de professores e profissionais da área, além de artigos e depoimentos de pessoas cegas e videntes engajadas na luta pela implementação da AD no Brasil, especialmente na TV brasileira.

O livro está dividido em três partes: a primeira contém artigos que apresentam e discutem leis, decretos, práticas e aspectos teóricos. Dentre esses artigos, estão os de: Motta (2010), em que ela discute a experiência pioneira de AD no Brasil em espetáculos de ópera; Santana (2010), com o relato da primeira audiodescrição na propaganda da TV Brasileira da marca Natura e Campos (2010), que apresenta como foi a primeira sessão da história do cinema nacional em que surdos e cegos assistiram a um filme do circuito comercial em sua estréia no cinema.

A segunda parte, intitulada: “A Primeira Audiodescrição A Gente Nunca Esquece”, apresenta depoimentos de deficientes visuais sobre suas experiências com audiodescrição, enfatizando a importância do recurso. Já na terceira, e última parte, com o título: “Olhos que Falam”, estão os depoimentos de audiodescritores, contendo relatos de suas práticas com diferentes gêneros de espetáculos tais como: comerciais, animação, peças de teatro, exposições, cinema, e a contribuição da atividade para o desenvolvimento pessoal e profissional de cada um.

Em 2010, tivemos ainda a publicação do livro **Diálogos entre arte e público** (SANTOS, 2010), que apresenta três artigos sobre audiodescrição.

Embora, tenhamos iniciativas de pesquisas e publicações sobre AD, o recurso ainda se encontra em fase inicial no Brasil. No entanto, como a acessibilidade é um tema que vem ganhando cada vez mais adeptos, a tendência é que as pesquisas na área sejam estimuladas e que a AD venha conquistar e atrair um maior número de pesquisadores em território nacional. Quanto mais pesquisas e mais publicações na área, maior será a consolidação do direito à acessibilidade audiovisual, através da audiodescrição pelas pessoas com deficiência visual.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos os fundamentos teóricos de nossa pesquisa, onde falamos acerca da Terminologia e da Teoria Comunicativa da Terminologia. Fazemos, ainda, algumas considerações sobre o dicionário e sua organização interna.

2.1 A Terminologia

A Terminologia é considerada uma importante área do conhecimento, pois seus estudos são indispensáveis para que haja uma ampla divulgação e ampliação desse conhecimento. Por essa razão, é relevante termos um estudo capaz de observar como as palavras são utilizadas em determinadas áreas. Essas palavras de sentido especializado são chamadas de termos e são consideradas o centro dos estudos terminológicos.

Com relação à terminologia, é importante ressaltar que segundo Krieger e Finatto (2004, p. 13), com o sentido de conjunto de termos, terminologia é grafada com *t* minúsculo; e com *T* maiúsculo, quando referida como um campo de estudo ou disciplina.

A Terminologia como disciplina organizada surgiu em Viena através do engenheiro e documentalista Eugen Wüster, que foi o primeiro a tratar sistematicamente a Terminologia como uma disciplina, concebendo assim, os primeiros alicerces da teoria moderna. Mais tarde, no século XX, a Terminologia é considerada disciplina independente. Wüster procurou, em suas obras, desenvolver um modelo para o uso dos termos técnico-científicos, com a intenção de chegar a uma univocidade no plano da comunicação internacional. Para Barros (2006, p. 22):

A terminologia, enquanto estudo do vocabulário das áreas técnicas e científicas, desempenha um papel fundamental nesse processo. Suas pesquisas têm-se desenvolvido de modo intenso nas últimas décadas; suas bases teóricas têm sido revistas e novos modelos propostos; diferentes campos de atuação têm-se aberto, apresentando-se novos desafios.

Não só a escola de Terminologia de Viena, mas também as escolas de Praga e a da Rússia são reconhecidas pelo seu pioneirismo nas reflexões sobre terminologias. Esse reconhecimento também se deve as suas relevantes contribuições na tentativa da padronização do uso dos termos técnico-científicos, a fim de assegurarem a comunicação entre especialistas.

A Teoria Geral da Terminologia (TGT) criada por Wüster, em sua tese de doutorado na Universidade Técnica de Stuttgart, tenta superar os obstáculos da comunicação profissional, que são motivados pela imprecisão, diversificação e polissemia da linguagem natural, servindo, de forma eficaz ao entendimento da comunicação científica e técnica. Na perspectiva de que o conceito do termo prevalece sobre o linguístico, a TGT rejeita totalmente a idéia da variação linguística. Para Krieger e Finatto (2004, p.33):

Como se depreende, a prevalência do componente conceitual sobre o linguístico está intimamente relacionada à concepção wüsteriana de que os termos expressam conceitos e não significados. Ao contrário destes que são linguísticos e variáveis, conforme o contexto discursivo e pragmático, os conceitos científicos são atemporais, paradigmáticos e universais.

Dessa forma, o conceito ocupa um lugar central no modelo, uma vez que se localiza de forma bem delimitada em uma estrutura conceptual de uma área especializada, e possui como uma de suas características a objetividade e desprovimento de qualquer alteração conotativa.

Ao longo da década de 80, pesquisadores e estudiosos vêm questionando a insuficiência como orientação teórica e metodológica da terminologia clássica para a criação de produtos terminológicos. Assim, a partir dos estudos wüsterianos e das críticas à TGT, das quais a principal foca a questão da univocidade dos termos, novos paradigmas foram propostos. É a partir de um redimensionamento dos estudos terminológicos que surge a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré. Essa teoria rejeita os propósitos normalizadores da TGT, defendendo a valorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas. A TCT apresentou nos estudos terminológicos uma visão linguística de maneira sistemática, estimulando um profundo conhecimento sobre a estrutura e o funcionamento do termo, objeto principal da Terminologia.

Devido a TGT mostrar-se insuficiente e ter sido criticada por tratar os termos apenas como representação do conceito, surge outra visão da Terminologia, a Socioterminologia. Essa teoria tem como princípio fundamental o reconhecimento do caráter variacionista que os termos assumem, ou seja, entende-se que as terminologias têm uma variação sociodiscursiva. Para Faulstich (1995, p. 292), “nenhuma língua é um bloco homogêneo e uniforme, mas um sistema plural, constituído de normas que evidenciam os usos reais em variação”. Assim, a variação orienta o desenvolvimento da Socioterminologia, já que chama a atenção para a necessidade de efetivar o diálogo interdisciplinar entre as áreas de conhecimento afetas à problemática terminológica (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 35).

Outra teoria que também se opõe à TGT pela ideia de racionalismo científico é a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), de Rita Temmerman. Essa teoria é estruturada sobre paradigmas da hermenêutica, e por ter um enfoque interpretativo, estabelece relação com uma abordagem cognitivista da ciência. A TST considera que os termos estão sempre evoluindo e, como consequência disso, ocorrem no campo semântico, fenômenos como sinonímia e polissemia. A TST rejeita a noção de conceito e de significado, derrubando a ideia de universalização do conceito, bem como, leva em consideração o texto especializado em que as unidades lexicais especializadas estão inseridas, conforme Barros (2006, p. 23):

O conceito não é universal nem imutável, mas a expressão de um conjunto de elementos de natureza linguística que se consubstanciam em um texto que possui não apenas uma dimensão linguística, mas também pragmática, discursiva e comunicativa.

Diante dessas teorias, a Terminologia tem se consolidado como disciplina importante às várias áreas do conhecimento, propondo-se a dar conta de como o conhecimento especializado se estrutura em unidades conceituais e denominativas, facilitando a comunicação especializada.

A seguir, definiremos a abordagem adotada para a realização desta pesquisa.

2.2 A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

A Teoria Comunicativa da Terminologia, abordagem adotada para a realização desta pesquisa, foi proposta no início da década de 90, por Maria Teresa Cabré e pelo grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona. Surgiu como resposta à falta de capacidade da TGT de apresentar subsídios e explicações para os fenômenos da linguagem de especialidade. Assim, para a TCT, a terminologia deve ser estudada *in vivo*, ou seja, dentro do contexto comunicacional em que ocorre, postura que vai de encontro ao caráter normativo da TGT.

Tendo como foco principal a função comunicativa das linguagens, na TCT, o texto em Terminologia passa a ser reconhecido na sua potencialidade de significação como um todo, deixando de ser apenas uma fonte de coleta de frases. Essa teoria propõe trabalhar os fenômenos da linguagem geral ao mesmo tempo em que descreve as especificidades cognitivas, linguísticas (gramaticais, pragmáticas, textuais e discursivas) e comunicativas das unidades terminológicas.

Segundo Almeida (2006), a TCT passou a ser referência teórica em grande parte das pesquisas terminológicas realizadas, principalmente no Brasil. Assim, para Almeida (2006, p. 86):

[...] optar teoricamente pela TCT implica em fazer determinadas escolhas metodológicas durante todas as etapas de construção de um produto terminológico (glossário, dicionário, mapa conceitual, listas de termos com ou sem equivalência, etc.), etapas que incluem desde a elaboração do corpus até a organização do verbete.

Dessa forma, entende-se que partindo de uma teoria terminológica descritiva e de base linguística, como a TCT, as escolhas metodológicas adequadas podem tornar a prática terminológica coerente com os princípios que regem essa teoria.

O termo especializado é o objeto de estudo da Terminologia, marcando assim, a identidade da área. Os termos podem ser unidades simples (um léxico) ou complexas (mais de um léxico) e realizam duas funções importantes: a de representação e a de transmissão do conhecimento especializado, além da produção de glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos (KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 81). Assim, para a TCT, não há termos fixos, há apenas unidades lexicais, que podem ser consideradas termos em função do seu uso em um determinado contexto e situação. Desse modo, dependendo do cenário comunicativo no qual o termo está inserido, o seu significado poderá variar, ou seja, os conceitos e as denominações de um termo podem variar nos domínios de especialidade. Para Cabré (1999, p. 47):

[...] a comunicação especializada difere da comunicação geral de duas maneiras: no tipo de textos orais ou escritos que produz e na utilização de uma terminologia específica. O uso de terminologia padronizada ajuda a tornar a comunicação entre os especialistas mais eficiente⁴.

⁴Texto Original: Specialized communication differs from general communication in two ways: in the type of oral or written texts it produces, and in the use of a specific terminology. The use of standardized terminology helps to make communication between specialists more efficient.

Assim, a Terminologia é considerada como um reflexo formal da organização conceitual de uma especialidade, ou seja, é um meio pelo qual não se pode evitar a expressão e comunicação profissional.

A TCT é uma teoria que une as três dimensões da Terminologia: linguística, cognitiva e comunicativa, isto é, a teoria deve dar conta da complexidade e “poliedricidade” dos termos, dos fenômenos da linguagem, dos aspectos cognitivos, linguísticos e comunicativos das terminologias (SANTIAGO, 2007, p. 32). Além disso, a TCT postula que a Terminologia:

- É linguística e multidisciplinar;
- É um elemento constituinte do discurso especializado;
- Entra na perspectiva da variação dialetal e funcional;
- Participa da variação vertical, que seria o nível de especialização, compreensão conceitual e compreensão estrutural; e a variação horizontal, que seria tema, perspectiva e abordagem;
- Tem o termo, quando unidade da Terminologia, sendo uma unidade linguística;
- Tem o texto como objeto de estudo.

Os postulados descritos mostram o verdadeiro caráter comunicativo da teoria de Cabré (1999), assim, constituindo como um dos principais pontos dessa teoria, podemos destacar: o aspecto poliédrico das unidades terminológicas e a aceitação de fenômenos linguísticos, como por exemplo a importância e variação do texto para o tratamento dos termos no interior da comunicação especializada. Além disso, a TCT apresenta alguns princípios e fundamentos, como:

- a) Explica como um conceito pode fazer parte da estrutura conceitual de diferentes disciplinas.

- b) Adota um caráter polissêmico dos termos, de maneira que considera a possibilidade da propagação de unidades especializadas em um determinado momento.
- c) Recebe, dentro da comunicação especializada, a sinonímia como um fundamento real.
- d) Deve levar em conta o fato de que as unidades terminológicas processam-se de forma natural no discurso, portanto, oferecem uma importância sintática que vai além dos limites denominativos e se modificam em função do discurso.
- e) Leva em consideração a variação do discurso e determina as variáveis que descrevem essa variação na esfera da comunicação em geral e da comunicação especializada, em particular.

Com base nesses princípios e a partir dessa inovação no pensar terminológico, assumindo necessariamente a variação discursiva em função da temática, a TCT vem abrindo caminhos sólidos para o fazer terminográfico. Portanto, a escolha pela TCT, como suporte teórico para esta pesquisa é justificada pela natureza descritiva desta teoria e por sua linha abrangente.

2.3 Dicionários

O dicionário é produto de uma investigação lexicográfica ou terminográfica. Em se tratando do léxico geral, é uma prática bastante antiga. Já no âmbito do léxico de especialidade é considerado relativamente recente. Tal fato decorre, especialmente, porque essa prática surge somente quando é necessário denominar um conjunto de conceitos para conhecer, reconhecer e manipular fatos linguísticos. E essa necessidade é mais urgente nos países desenvolvidos ou nos que estão em desenvolvimento.

Em se tratando da classificação do léxico em geral e de especialidade, Pontes (2009), nos ensina que o geral integra as palavras que podem ser utilizadas em qualquer contexto discursivo. E o de especialidade, encontra adequação no âmbito da comunicação socioprofissional e no contexto técnico-científico. Os dicionários, segundo Biderman (1998, p. 129), “constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”.

As obras lexicográficas ou terminográficas apresentam diferentes modalidades, tais como: dicionários, glossários, vocabulários. Embora, cumpram finalidades semelhantes de organização, elas têm características particulares, pois cada uma delas possui sinais que permitem caracterizá-las em grande estilo. Vejamos algumas definições (KRIEGER e FINATTO, 2004):

- a) Os dicionários são compilações de unidades lexicais da língua comum, que apresentam informações de natureza fonética, gramatical, conceitual, semântica e referencial.
- b) Os glossários são repertórios de termos técnicos com suas respectivas definições, ordenadas alfabeticamente; podem apresentar remissivas e serem monolíngues, bilíngues ou multilíngues.
- c) Os vocabulários são repertórios com termos de um domínio que descreve os conceitos indicados por estes termos através de definições ou de ilustrações.

Os dicionários podem seguir um princípio lexicográfico ou terminográfico. No princípio lexicográfico, o dicionário é guiado sob a perspectiva geral da língua, por esse motivo, as unidades lexicais são chamadas palavras e apresentadas em ordem alfabética. Já no princípio terminográfico, a entrada não é uma palavra, mas sim, um termo que pode estar em forma de unidades simples ou expressão sintagmática. Um dos objetivos do trabalho terminográfico é determinar as relações conceituais entre

o termo e o contexto de ocorrência para a explicitação do significado. Nesse sentido, o contexto trabalha como um atualizador de conceitos. Escrito por especialistas, esse tipo de dicionário, também chamado de especializado, é direcionado a uma área específica do conhecimento e pode ser monotemático (direcionado a um assunto) ou enciclopédico (disponibiliza informações biográficas e históricas).

Quanto às tipologias de dicionários, as principais podem ser distribuídas em: monolíngues e multilíngues.

2.3.1 Dicionário Monolíngue

Os dicionários monolíngues, ou gerais da língua, são considerados aqueles escritos somente em uma língua, os quais possuem um grande número de palavras e que podem ser extensos ou adaptados ao uso escolar. Para Welker (2004), “um dicionário geral é aquele que apresenta o tesouro lexical, ou seja, a totalidade dos lexemas de uma língua”. Os dicionários monolíngues tratam das unidades lexicais de uma língua, definindo-as, mostrando sinônimos e dando informações sobre a língua (fonéticas, gramaticais, sintáticas) por meio de paráfrases nessa mesma língua, seja ela materna ou estrangeira. São consideradas obras de referência. As definições, nesse tipo de dicionário, são apresentadas na mesma língua da entrada, e tendo como proposta principal explicar aos falantes nativos diferentes significados.

Pontes (2009) faz uma distinção entre dicionários monolíngues para nativos e para estrangeiros. Segundo o autor, os dicionários monolíngues para estrangeiros são ideais para usuários estrangeiros, já que:

Apresentam definições que são autênticas explicações, pois são mais claras que as dos monolíngues para nativos; inclusive, em geral, constam informações elementares, que podem ser supérfluas em muitos casos para um falante nativo. Devem incluir exemplos que permitam o uso da palavra e aclarem o seu significado (PONTES, 2009, p.35)

É no dicionário monolíngue que fica claro a necessidade do consulente de procurar as palavras pouco frequentes, pois as mais usadas geralmente são familiares, sendo assim, são identificadas pelo contexto e reconhecidas com facilidade.

As informações sintáticas nos monolíngues são do campo da regência (regime preposicional). Podem ser encontradas nesses dicionários, além das notas de uso, informações enciclopédicas, ilustrações (abrangendo figuras, desenhos, quadros etc), sinônimos e antônimos. Para uma boa compreensão, geralmente as definições apresentam exemplos autênticos ou adaptados.

2.3.2 Dicionário Multilíngue

Os dicionários multilíngues são os que apresentam três ou mais línguas, mostrando de maneira simples a relação entre as línguas. Segundo Carvalho (2001, p. 49), “os dicionários multilíngues que atendam às demandas dos usuários não são obras fáceis de serem executadas, pois encontrar unidades lexicais equivalentes em duas línguas não é uma tarefa fácil”. Para a autora, entre um par de línguas, são raros os casos de equivalência plena. Entre três ou quatro línguas esta possibilidade torna-se ainda mais distante. Embora a organização da microestrutura e da macroestrutura (em ordem alfabética ou não) dos dicionários multilíngues seja bastante semelhante à dos dicionários bilíngues, um bom dicionário multilíngue precisaria conter diferenças semânticas e estruturas sintagmáticas (colocações, expressões idiomáticas) para cada equivalência. Dessa forma, ajudaria bastante os usuários que necessitam desse tipo de dicionário, como por exemplo, os tradutores que necessitam bastante desse tipo de dicionário. Porém, nem sempre podem contar com boas obras multilíngues.

Dentre os dicionários multilíngues destacamos os dicionários bilíngues. De acordo com Welker (2004), “a literatura relativa aos dicionários bilíngues é bastante vasta, embora menos volumosa do que aquela relacionada aos monolíngues”.

Teóricos interessados em estudar dicionários compartilham seus pontos de vista sobre a diferença entre os dicionários monolíngues e bilíngues. Em geral, mostram que a primeira diferença entre eles está fundamentada na explicação que cada um apresenta, ou seja, nos monolíngues, a explicação tem a forma de definição, já nos bilíngues, a explicação é formada de um ou mais equivalentes na língua meta. No entanto, o dicionário bilíngue não tem o objetivo de uma simples enumeração de equivalentes, mas de garantir precisão na tradução de termos que melhor significam na língua de chegada, a ideia apresentada na língua de partida (XATARA, 1998). Porquanto, os dicionários bilíngues trabalham com duas línguas diferentes e sistemas de formação de conceitos distintos, bem como, culturas e comportamentos linguísticos também diferentes. Por esse motivo, os problemas de ordem sintática, semântica e morfológica ligados estruturalmente a esse tipo de dicionário são mais complicados do que nos dicionários monolíngues. Segundo Welker (2004), está na microestrutura dos verbetes a diferença principal entre o dicionário monolíngue e o bilíngue. Ele afirma que:

O dicionário monolíngue geralmente oferece definições, ao passo que o bilíngue fornece sinônimos, mas na outra língua. A definição “mostra uma análise semêmica explícita, o sinônimo pressupõe implicitamente tal análise”. (WELKER, 2004, p. 194)

Os dicionários bilíngues são dicionários usados pelos que se iniciam, em um primeiro momento, na aprendizagem de línguas estrangeiras (PONTES, 2009). Geralmente, apresentam semelhanças com os dicionários monolíngues, tais como: a ordem das entradas pode ser alfabética ou temática, os verbetes, em geral, apresentam o mesmo formato, entre outras observadas. Embora haja algumas semelhanças, a diferença entre eles é bem perceptível. Sobre essas diferenças, Welker (2004, p. 194) declara que “o dicionário monolíngue geralmente oferece definições, ao passo que o bilíngue fornece sinônimo, mas na outra língua”. Assim, esse tipo de dicionário pode ser considerado mais adequado em atividades de compreensão do que de produção.

Os dicionários bilíngues são utilizados por outros usuários, além daqueles que estão iniciando um novo idioma, sendo assim, Cavalcanti (2000), afirma que:

Um dicionário geral bilíngue pode servir tanto para pessoas que estão iniciando os estudos em uma língua estrangeira, como para aquelas que já possuem um domínio da língua estrangeira e querem certificar-se de um determinado uso. (CAVALCANTI, 2000, p. 24)

Contudo, a preocupação maior está direcionada aos aprendizes de língua estrangeira, que não têm ideia nem discernimento sobre o uso dos vocabulários, ao contrário daqueles consulentes que possuem algum conhecimento de uma língua estrangeira. Os dicionários bilíngues representam uma ferramenta problemática para os alunos que estão aprendendo outro idioma quando, por se limitarem a apresentação de equivalentes, não fornecem definições e não especificam os usos da língua. Devido à rara apresentação das equivalências nos dicionários bilíngues tradicionais, bem como à falta de dados importantes no emprego do léxico, os dicionários monolíngues passam a ser mais recomendados para os aprendizes de língua estrangeira. No entanto, pelo fato dos iniciantes ainda não possuírem a capacidade para compreender as definições das obras monolíngues, as bilíngues terminam, nessa situação de aprendizagem, sendo mais utilizadas. Porém, é importante ressaltar que, infelizmente, os dicionários bilíngues não apresentam todos os dados necessários para o usuário que está aprendendo uma segunda língua, nem mesmo aqueles dicionários que são considerados para “aprendizes” ou “dicionário escolar”.

Além de não apresentarem a definição do lema, muitos dos dicionários bilíngues, também não disponibilizam de uma organização de informações concernentes ao uso da língua. No que se refere à questão da definição dos lemas, Schmitz 1998 (*apud* WELKER, 2004, p. 202), destaca que “já há propostas bastante produtivas e interessantes para ajudar o usuário aprendiz de língua estrangeira. São os dicionários chamados de semibilíngues”. O *Password* (inglês-português), é um

exemplo desse tipo de dicionário, pois ele dá uma definição em inglês, acompanhada por uma breve tradução para o português.

Em se tratando de diferentes modelos existentes de dicionários bilíngues, Welker (2004, p. 199), discute sobre os tipos de dicionários bilíngues gerais, com relação às funções que eles desejam preencher, destacando a diferença entre obras bilíngues de recepção e de produção. Segundo esse autor, os dicionários bilíngues deveriam possuir uma organização diferente da usada nos monolíngues em relação às suas situações de uso bem distintas uma da outra: recepção e produção. Pois, um usuário que pretende produzir um texto ou comunicar-se em uma língua estrangeira, precisa de mais informações do que aquele que quer ler ou traduzir um texto.

Vários autores acreditam que, se criado um único volume para um par de línguas, este deveria compreender todas as informações necessárias para a produção de textos e para a comunicação, tais como: definições, colocações, marcas de uso, exemplos, etc. Todavia, os dicionários bilíngues atuais não apresentam todos os dados que o usuário necessita para produzir um texto e/ou comunicar-se em uma língua estrangeira.

Schmitz (2001) faz um levantamento geral dos tipos de obras lexicográficas bilíngues que existem no mercado, mas limita-se às obras inglês-português/português-inglês. Mesmo assim, o autor usa uma classificação que pode servir para quaisquer dicionários bilíngues, independente dos seus pares de línguas. Segundo Schmitz (2001), as obras bilíngues mais comuns podem ser divididas em: dicionário bilíngue tradicional, dicionário semibilíngue e dicionário bilíngue especializado.

A tipificação de dicionários bilíngues, proposta por Schmitz (2001), pode ser assim sintetizada:

Bilíngue Tradicional	Não fornece definições em seus verbetes, apresentando apenas os equivalentes.
Semibilíngue	Para cada equivalente, oferece orações para exemplificar o uso de um termo, especificando seu significado em vários contextos.
Bilíngue Especializado	Dar os equivalentes para a tradução de termos de uma área específica, como por exemplo: informática, química, medicina, etc.

Quadro 1 – A tipificação de dicionários bilíngues de Schmitz (2001)

Há ainda vários tipos de dicionários bilíngues que não foram analisados por Schmitz (2001), a saber: os dicionários bilíngues com figuras (dedicados a crianças), os dicionários bilíngues de usos (que têm por objetivo aperfeiçoar a competência comunicativa e são direcionados a estudantes de língua estrangeira de níveis mais avançados) e os dicionários bilíngues onomasiológicos (que possuem uma macroestrutura dividida em temas ou em campos semânticos, ajudando os usuários, principalmente na produção textual), entre outros.

Podemos mencionar também os dicionários bilíngues destinados a aprendizes de língua estrangeira. Eles são geralmente utilizados em contextos pedagógicos e apresentam uma lista de verbetes limitada, relativamente menor que a dos dicionários gerais. Esse tipo de dicionário tem a intenção de oferecer o vocabulário básico fundamental de uma língua, e a partir da frequência de uso, os verbetes são selecionados.

Outro tipo de dicionário multilíngue que apresentamos é o dicionário Semibilíngue. Segundo Welker (2004), o dicionário monolíngue dar informações minuciosas acerca do significado de uma palavra, enquanto o bilíngue dar equivalentes em outro idioma. Todavia, em se tratando do estudo de língua estrangeira, o usuário se constitui em outro aspecto que diferencia essas duas obras. Os aprendizes de língua estrangeira, principalmente os iniciantes, utilizam

mais os dicionários bilíngues do que os monolíngues, visto que, por não possuírem o conhecimento necessário para compreender as definições em língua estrangeira, não apresentam condições de consultar um dicionário monolíngue do idioma estudado. Porém, aqueles que defendem o uso do dicionário monolíngue para aprendizes acreditam que o benefício principal dessa obra é o contato com a metalinguagem em língua estrangeira, bem como com a expansão do vocabulário. No entanto, diversas pesquisas mostraram que os aprendizes sentem-se seguros com os dicionários bilíngues, surgindo daí a ideia de juntar as duas obras em uma só, tendo as definições em língua estrangeira e os equivalentes em língua materna (NAKAMOTO, 1995), ou seja, um dicionário semibilíngue que una os benefícios dos dois dicionários. Assim, esse tipo de dicionário objetiva anular a oposição entre o uso do dicionário monolíngue e o uso do bilíngue. Para Pontes, (2009, p. 37) os semibilíngues:

[...] funcionam como obras alternativas. Concretamente, em um dicionário deste tipo, as palavras estão definidas de forma muito simples na língua que se está aprendendo. Apresenta-se, também, o lema contextualizado por meio de exemplos (como em um dicionário monolíngue) e se incluem equivalentes para cada entrada (como em um dicionário bilíngue).

Sendo assim, ao analisarem essa junção de definições e equivalências, estudiosos acreditam que os dicionários semibilingues seriam os mais apropriados para todos os níveis de aprendizagem de uma língua e para as atividades, tanto de compreensão quanto de produção.

Por não encontrar literatura referente a dicionário trilingue que nos desse uma definição sobre esse tipo de dicionário, tomamos por base o conceito de dicionário bilíngue e dizemos que: os dicionários trilingues trabalham com três línguas diferentes e sistemas de formação de conceitos distintos, bem como culturas e comportamentos linguísticos também diferentes.

2.4 Organização interna de uma obra lexicográfica/terminográfica

2.4.1 A Macroestrutura

A macroestrutura é definida como a forma na qual todo o corpo do glossário ou dicionário é organizado (WELKER, 2004), ou seja, é um conjunto de entradas organizadas verticalmente no corpo do dicionário ou nomenclatura. Essas entradas, em geral, estão em ordem alfabética para facilitar a leitura por parte do usuário (PONTES, 2009).

A nomenclatura é constituída de um conjunto de unidades linguísticas descritas nos verbetes, que é a lista de entradas. Os verbetes agrupam os dados referentes à unidade lexical ou terminológica descrita e integram pelo menos dois elementos: a entrada (unidade lexical ou terminológica que encabeça um verbe) e o enunciado lexicográfico/terminográfico (informações fornecidas sobre ela).

O princípio mais importante na disposição da macroestrutura identifica-se como sendo semasiológico, ou seja, em ordem alfabética das entradas. Essa ordenação é classificada em dois tipos:

1. Ordenação alfabética linear – segue rigorosamente a ordem alfabética e traz para cada entrada do dicionário ou glossário uma entrada principal.
2. Ordenação alfabética com agrupamento – consiste em reunir primeiro as palavras por famílias léxicas e colocá-las em ordem alfabética. Assim, para Welker (2004, p. 82), “esse tipo de ordenação vai apresentar uma quebra, passando a trabalhar com blocos que incluem um lema e um ou mais sublemas”.

Geralmente, nos dicionários bilíngues prevalecem a ordem linear das entradas na disposição da macroestrutura.

2.4.1.1 O tamanho da macroestrutura

O fator mais importante relativo ao tamanho da nomenclatura é a escolha por parte da editora do tipo de dicionário que se pretende compilar.

Em relação aos dicionários bilíngues, Welker (*apud* WELKER 2004, p. 84) faz a seguinte distinção:

- dicionário grande: mais de 100.000 entradas;
- dicionário médio, “de mão”: 50.000 a 100.000;
- dicionário pequeno, “de bolso” (embora não caiba no bolso): 20.000 a 50.000;
- minidicionário: 5.000 a 20.000;
- microdicionário: até 5.000.

2.4.1.2 O lema

Utiliza-se lema, entrada ou palavra-entrada para os lexemas escolhidos que serão tratados nos dicionários. Segundo Welker (2004, p. 91), “geralmente toma-se como lema a forma “básica” ou “canônica” do lexema: o infinitivo dos verbos, o singular masculino dos substantivos e dos adjetivos”.

Assim, lematizar é encontrar uma forma canônica dos lexemas e usá-la como entrada do verbete. Entretanto, para ajudar aos consulentes cuja língua materna não é a do dicionário, ou mesmo àqueles falantes nativos que possuem pouca competência na sua própria língua, seria importante que o dicionário apresentasse também como lema, formas flexionadas (como as formas irregulares dos verbos).

2.4.1.3 Palavras frequentes

É questionável se as palavras mais frequentes devem estar realmente, presentes no dicionário, visto que elas raramente serão consultadas. No entanto, os lexemas mais frequentes são os mais polissêmicos e os vários significados devem ser mostrados. Assim, nota-se que uma das grandes dificuldades dos lexicógrafos está na escolha dos lexemas que serão lematizados. Na maioria dos dicionários, o principal critério é a frequência, pois quanto menor a nomenclatura prevista, maior será a frequência para que uma palavra seja registrada. Ainda que a frequência seja considerada o principal critério de seleção em corpora, o lexicógrafo, mesmo assim, terá que decidir se incluirá ou não alguns lemas, como: nomes próprios, marcas registradas, afixos, siglas e abreviaturas, formas flexionadas, lexemas depreciativos, palavras chulas, estrangeirismos e gírias. Além disso, algumas decisões acerca das reais possibilidades dos lexemas a serem lematizados, ainda precisam ser tomadas pelo lexicógrafo, pois mesmo que o compilador permita registrar tais signos, ele terá de tomar a decisão de lematizar todos na ordem decrescente do número de ocorrências ou incluir outras palavras de menor frequência.

2.4.2 A Microestrutura

A microestrutura, segundo Pontes (2009, p. 95), “consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete”.

Welker (2004, p. 108) “classifica a microestrutura em abstrata e concreta. A abstrata é aquela microestrutura que é elaborada antes de confeccionar o dicionário, para logo em seguida, ser preenchida com os dados concretos”. Para Pontes (2009, p. 96):

[...] a microestrutura abstrata é um programa constante de informações que se dispõe, horizontalmente, de forma padronizada, isto é, igual, constante para cada tipo de lema, tendo em vista a classe gramatical a que pertence, o tipo de categoria verbal (se se trata de verbo transitivo, por exemplo). Assim, o verbete de um verbo transitivo não precisa seguir o padrão do verbete de um substantivo, mas dentro de cada

categoria, de cada classe deve haver rigorosamente padronização.

Já a microestrutura concreta seria a realização da microestrutura abstrata. É aquela que se vê em determinado verbete e constitui-se como a forma concreta em que as informações sobre o lema são dadas (WELKER, 2004).

Quanto à disposição dos dados na microestrutura, três elementos devem ser levados em consideração:

- a) O número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico;
- b) A frequência, dentro de uma mesma obra, no programa de informações em cada um dos verbetes;
- c) A ordem de sequência dessas informações.

Um dos elementos responsáveis pela homogeneidade do repertório é a frequência no programa de informações, também chamado de microestrutura básica.

Segundo Barbosa (1990, p. 230) o enunciado lexicográfico ou terminográfico “se organiza em três macroparadigmas, três grandes zonas semântico-sintáticas formados por microparadigmas, que variam em qualidade e quantidade, de acordo com a natureza da obra lexicográfica, seus objetivos, limites e público-alvo”. Os três macroparadigmas são:

- Paradigma Informacional (PI): composto por abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, etimologia, níveis de estilo e conotações, marcas registradas, denominações oficiais, etc;

- Paradigma Definicional (PD): faz uma descrição dos semas ou unidades de significação;
- Paradigma pragmático (PP): possui informações contextuais como exemplos abonação.

Nos dicionários bilíngües existe também um paradigma comum:

- Paradigma de Formas Equivalentes (PFE): fornece a tradução do verbete.

A construção da macro/microestrutura de um dicionário ou glossário vai depender basicamente do público-alvo ao qual se destina. A partir daí, os modelos das estruturas serão definidos e seguidos à risca, para uma maior homogeneidade da obra.

2.4.2.1 A cabeça do verbete

Mesmo sendo pouco utilizada no Brasil, a cabeça do verbete, diz respeito ao lema e as informações anteriores a definição, ou equivalentes (no caso de dicionários bilíngües), bem como variantes ortográficas, pronúncia, categoria gramatical, etimologia, marcas de uso e informações flexionais sintáticas (WELKER, 2004, p. 110). O normal é dividir o verbete e as informações sobre ele em lemas. Todavia, o conceito de cabeça de verbete ajuda no caso dos lexemas polissêmicos (que são a grande maioria), permitindo diferenciar as informações em cada verbete. Geralmente a classe gramatical é a informação mais usada, contudo outras informações gramaticais em geral costumam ser dadas sobre formas não previstas, de acordo com o idioma. Além do mais, o bom seria que todas as formas fossem lematizadas.

2.4.2.2 Definição

Definição é um conjunto de informações que são dadas sobre a obra. É o enunciado que faz a descrição do conteúdo semântico-conceitual de uma unidade lexical ou terminológica em posição de entrada de um verbete. Portanto, definir é descrever, determinar, distinguir conceitos (PONTES, 1996).

Há três modelos fundamentais de definições, os quais estão encaixados nos tipos básicos de obras lexicográficas e terminográficas:

- a) Definição lexicográfica: aquela que informa sobre palavras, não sobre coisas, nem sobre conceitos. Ela identifica ou explica um signo da língua, a palavra-entrada (PONTES, 2009)
- b) Definição enciclopédica: se ocupa mais de referentes e de descrição das coisas. A definição enciclopédica é dada em enciclopédias, ou em alguns dicionários, em verbetes enciclopédicos (WELKER, 2004)
- c) Definição terminológica: geralmente traz conhecimentos formais sobre coisas e fenômenos. É reconhecida como aquela que mais se ocupa de termos técnico-científicos (KRIEGER e FINATTO, 2004).

A definição deve ser elaborada respeitando alguns princípios, tais como: não utilizar palavras que unam dois termos do tipo diz-se de, significa (tal termo) é, é quando, trata-se de, indica, (essa palavra) quer dizer, esse termo designa etc.; o termo definido não deve estar no enunciado da definição; a definição deve ser completa sem introduzir dados supérfluos e inúteis; deve manter uma relação de univocidade com o termo definido; a definição deve se adaptar ao público-alvo; quando for possível redigir a definição na forma afirmativa, não usar a forma negativa; e não devem ser empregadas palavras de sentido vago, ambíguo ou figurado.

De acordo com o tipo de informação que as definições transmitem, o qual depende da natureza linguística da palavra escrita, as definições podem ser classificadas em: substanciais, relacionais, morfossemânticas, nominais, etimológicas, acidentais, definição por compreensão ou por extensão. E ainda, a definição da descrição e da explicação que é distinguida em Terminologia.

- Definições substanciais e relacionais

São as mais empregadas nas obras terminográficas. Expressam a substância do termo definido e se aplicam a quatro categorias gramaticais, principalmente ao substantivo e ao verbo.

Já as definições relacionais expressam a relação de união entre o termo definido e a outra palavra que o qualifica. Colocam em saliência as relações que os adjetivos e os advérbios conservam em língua com outras unidades lexicais.

- Definições morfossemânticas, nominais e etimológicas

As definições morfossemânticas têm base na forma complexa do definido, formada por um composto ou derivado de tal maneira que ao se definir, se estabelece uma identidade de conteúdos apoiada em uma identidade parcial de forma (PONTES, 2009). Contudo, é necessário que o terminólogo tenha cuidado para não cair na definição que não respeita o princípio da não circularidade, chamada de definição nominal.

Por outro lado, a definição etimológica procede do ponto de vista formal de maneira bem semelhante à morfossemântica, com enfoque no significado original da palavra. Procura recuperar o sentido que os elementos morfológicos constituintes da unidade linguística tinham no momento de criação desta última.

- Definições por compreensão e por extensão

A definição por compreensão descreve o conteúdo do conceito. Parte-se do conceito genérico imediatamente superior (já conhecido ou definido) e indicam-se os traços semânticos distintivos (e a relação entre estes) (PONTES, 1996, p. 40). Esse tipo de definição é ideal para a criação de vocabulários técnicos, científicos e especializados. Sendo assim, a definição por compreensão é a mais satisfatória em terminologia, pelo fato de o conceito ser formado por traços e que há entre esses traços, relações lógicas e ontológicas bastante estreitas.

A definição por extensão consiste em enumerar todas as espécies que estão no mesmo nível de abstração ou todos os objetos individuais que pertencem ao conceito definido (FELBER, 1984, *apud* BARROS, 2004, p. 137).

Para Pontes (1996, p. 40) pode haver algumas variedades na definição por extensão, tais como:

(2.1)- Enumeram-se todos os conceitos subordinados que se encontram no mesmo nível do sistema conceitual, quando este é possível.

(2.2)- Enumeram-se classes de objetos (e fenômenos), indicando seus respectivos conceitos subordinados no mesmo nível com respeito ao conceito genérico imediatamente superior.

(2.3)- Indica-se uma regra de acordo com a qual se obtém a enumeração.

O fato é que “elaborar uma boa definição é extremamente difícil” (WELKER, 2004, p. 122). Sendo assim, qualquer definição requer do lexicógrafo bastante conhecimento teórico-metodológico sobre que tipo de definição se encaixa melhor para seu dicionário ou glossário, levando em conta o público alvo ao qual a obra é destinada.

2.4.2.3 Contextos

Entendemos por contexto, um conjunto de elementos linguísticos presentes no texto, tanto um trecho escrito (uma frase, um parágrafo), no qual o termo encontra-se atualizado (contexto imediato), quanto uma situação discursiva (contexto mais amplo).

O contexto é muito importante na realização de coletas de dados, pois permite diminuir os riscos de erros na hora de identificar, recortar e definir o termo. Esse elemento tem um papel importantíssimo para o trabalho terminológico, porque tem a função de determinar o conceito de uma unidade terminológica. Segundo Aubert (1996, p.32):

Para o terminólogo, o contexto não constitui mera ilustração de uma definição inferida a partir de um grande número de contextos exaustivamente coligidos, e sim o veículo dos traços semânticos característicos que permitem associar termo e conceito em uma situação precisa.

Assim, é através do contexto que se pode verificar, com segurança, se uma forma linguística é simples ou composta, e se tal forma faz parte ou não do domínio de seu estudo.

O contexto deve ser escolhido em função da determinação e exatidão (delimitação, compreensão, extensão) da noção. Alguns aspectos são considerados importantes para a identificação e extração dos contextos. Por exemplo: deve ser breve, porém completo; deve ser extraído de uma fonte confiável; deve conter a unidade terminológica a ilustrar; deve ilustrar o comportamento sintático da unidade terminológica no texto; deve ser definitório ou descritivo, com a finalidade de apresentar elementos para a definição do termo; e deve colocar em evidência traços semânticos da unidade terminológica.

De acordo com Aubert (1996), os três tipos de contextos que podem ser utilizados na prática terminológica são: definitório, explicativo e associativo. Sobre

isso, ele preconiza:

O *contexto associativo* apresenta o termo como pertinente ao tema objeto da pesquisa, mas não indica os traços conceptuais específicos destes termos, [...] Já os *contextos explicativos* apresentam alguns traços conceptuais pertinentes específicos do termo sob observação, frequentemente relativos à materialidade, finalidade, funcionamento e similares. [...] Talvez mais desejáveis, mas certamente, menos encontradiços, os *contextos definitórios* proporcionam um conjunto completo dos traços conceptuais distintivos do termo. Tal distintividade, no entanto, representa, frequentemente, um certo nível de abstração, sem indícios claros da gama efetiva de usos em situação do termo. (AUBERT, 1996, p. 66-67)

O contexto definitório aparece através dos elementos descritivos incluídos em uma proposição do tipo Sujeito (= entrada) + Predicações (= sequências da definição). As predicações estabelecem verbalizações das propriedades práticas do objeto indicado pela entrada. Já o contexto explicativo mostra a natureza, o objetivo ou um aspecto do conceito estudado. Ao passo que, o contexto associativo caracteriza-se pela falta de descritores significativos do contexto. Com isso, ele permite a retomada do termo estudado do campo de aplicação precisa, somente por associação com os termos com os quais interage, como por exemplo o termo que figura uma enumeração ou que é empregado com valor puramente funcional.

Para o preenchimento da ficha terminológica, devem ser privilegiados os contextos mais informativos (definitórios e explicativos). Na ausência de um contexto melhor, os associativos também podem ser extraídos. Segundo Aubert (1996, p. 67) “a terminologia descritiva monolíngue e bilíngue utilizará, mais comumente, o contexto explicativo como registro do conceito de cada termo, suplementado, quando possível, pelo contexto definitório”.

2.4.2.4 Exemplos

Em um dicionário, os exemplos dão características de sentido, análise sintática e informação pragmática. O que aparece de uma forma abstrata num dicionário é caracterizado pelos exemplos, que servem também para mostrar como uma palavra pode ser usada.

Conforme Drysdale (*apud* HUMBLÉ, 2001, p. 61), os exemplos possuem funções importantes, que são:

1. Complementar a informação contida numa definição;
2. Mostrar a palavra num contexto (importante para a atividade de produção);
3. Distinguir um significado de outro;
4. Ilustrar padrões gramaticais;
5. Mostrar outras colocações típicas;
6. Indicar registros apropriados ou estilísticos.⁵ (Tradução minha)

Os exemplos podem ser classificados de acordo com a possibilidade que o usuário tem de substituir as palavras de um determinado exemplo por outras. Podem ser classificados em três tipos: o primeiro se trata das associações livre, importante para aprendizes interessados em produzir a língua, quando escolhidos com alguma base na realidade. O segundo tipo se refere às colocações, considerado um dos maiores problemas da produção em língua estrangeira, por não ser fácil para o estudante saber quais as palavras que estão associadas. E o terceiro e último tipo, diz respeito às expressões fixas, que são muito úteis para os usuários, pois se forem traduzir palavra por palavra irão se deparar com uma sequência de palavras incompreensíveis. (HAUSMANN *apud* HUMBLÉ, 2001).

⁵ 1. To supplement the information in a definition; 2. To show the entry word in context; 3. To distinguish one meaning from another; 4. To illustrate grammatical patterns; 5. To show other typical collocations; 6. To indicate appropriate registers or stylistic levels.

O corpus, além de ser uma base para a análise dos lexicógrafos, é também uma fonte direta de exemplos que podem ser usados nos dicionários. Atualmente, os bancos de dados são grandes o bastante para permitir que lexicógrafos encontrem exemplos claros e apropriados, até para as palavras e expressões não frequentes. Os exemplos são, obviamente, valiosos tanto para compreensão quanto para a produção e, infelizmente, por razões econômicas, faltam exemplos na maioria dos dicionários bilíngues.

2.4.2.5 Remissivas

Remissivas é um termo da lexicografia, que assim como a macro e a microestrutura, se refere à organização do dicionário e dos verbetes, ou seja, é o modo de remeter o usuário de um lugar a outro na obra lexicográfica/terminográfica ou fora dela. Elas podem se apresentar em forma de frases que levam o usuário para alguma parte do dicionário, como a lista de conjugação verbal (internas), ou um livro ou site (externas), por exemplo. Elas podem vir com uma tipografia diferente daquela usada no verbete, com algum sinal gráfico, ou simplesmente, estarem dispostas no verbete da mesma forma que as outras informações. Quanto à posição, podem estar dentro ou fora do verbete.

Cabré (1999, p. 142) “classifica as remissivas em dois tipos: informativas e prescritivas”. Vejamos a seguir as diferenças indicadas pela autora:

Informativas	Prescritivas
<ul style="list-style-type: none"> Os termos se relacionam com a finalidade de ampliar suas denominações ou conceituações. Mostram as relações dentro do mesmo campo semântico. 	<ul style="list-style-type: none"> Um termo remete a outro para indicar o uso prioritário ou se deve ser evitado, mostrando ainda alternativas.
<ul style="list-style-type: none"> São inseridas dentro de um contexto de equivalência ou contraste semânticos. 	<ul style="list-style-type: none"> São inseridas em virtude de uma política terminológica.

<ul style="list-style-type: none"> • Equivalência (sinonímia): variantes, siglas e respectivas formas completas e respectivas abreviações, termo e seu nome científico, termo e o símbolo que o representa. • Contraste ou inclusão: antônimos, hipônimos, hiperônimos e co-hipônimos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Classificação dos sinônimos entre prioritários ou secundários.
--	--

Quadro 02 – diferenças entre os tipos de remissivas

As remissivas possibilitam relações entre os termos, traçadas dentro da obra lexicográfica/terminográfica, conservando a coerência semântica. Segundo Bacellar (2002, p. 106-107), “as remissivas corrigem o isolamento das mensagens no nível da microestrutura (reconstruindo seu campo semântico) e reúnem entradas equivalentes (sinônimos) no nível da macroestrutura”.

2.4.2.6 Equivalentes

De acordo com Baldinger (apud WELKER, 2001, p. 194) “há equivalência por sinonímia e por definição”. Para o autor, o dicionário monolíngue geralmente oferece definições, ao passo que o bilíngue fornece sinônimos, mas na outra língua. A definição apresenta uma análise semêmica explícita, ao passo que o sinônimo pressupõe de forma implícita tal análise.

As equivalências são responsáveis pelo pouco uso de dicionários bilíngues em salas de aula de língua estrangeira por parte dos professores e especialistas em língua estrangeira, pois, segundo Schmitz (2001, p. 163), “o grande problema com o dicionário bilíngue é a sua limitação no que diz respeito ao número de vocábulos arrolados e à má qualidade das definições”. Assim, entre duas línguas, torna-se uma tarefa complicada enumerar lexemas que possam ser usados em ambas, com a mesma intenção.

Scholze-Stubenrecht (*apud* Welker 2004, p. 196) apresenta alguns tipos de equivalência:

- a estilística (mesmo registro);
- a pragmática (o equivalente deve poder ser usado nas mesmas situações de comunicação);
- a terminológica (um termo técnico deve ser traduzido por um termo técnico na L2);
- a diacrônica (um lexema antiquado deve ser traduzido por um lexema antiquado na L2);
- a contextual (o equivalente deve poder ser usado nos mesmos co(n)textos);
- a sintático-gramatical (o equivalente deve poder ser usado nas mesmas estruturas sintáticas, p. ex., na voz passiva);
- a metafórica (uma metáfora deve ser traduzida por uma metáfora);
- a etimológica (deve-se preferir equivalentes que tenham a mesma origem no lexema da L1);
- equivalência na formação das palavras (*política, político - ing. Politics, politician*);
- equivalência na frequência (os equivalentes devem ter, nas duas línguas, o mesmo nível de frequência de uso);
- a fonética prosódica (importante em textos literários);
- a diatópica (praticamente impossível de ser alcançada, pois não faz sentido traduzir um regionalismo da L1 por um regionalismo) – (com conotações bem diferentes) da L2.

Há ainda outro tipo de equivalência que alguns autores mencionam, a equivalência funcional, ou seja, o equivalente deve produzir o mesmo efeito.

Alguns autores aconselham que os dicionários devam usar equivalentes que possam ser inseridos nos diversos contextos. Para Welker (2004, p. 197), “é impossível que todas as traduções adequadas de todos os lexemas sejam indicadas no dicionário, por isso uma boa obra apresentaria o maior número possível delas”. No entanto, a maioria dos dicionários bilíngues apenas lista vários equivalentes, e não mencionam os contextos mais adequados para serem usados.

3. METODOLOGIA

3.1 Procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa

Este é um trabalho de cunho terminográfico, com dimensão descritiva baseada em corpus. É utilizada uma abordagem qualitativa e quantitativa, seguindo os princípios da Linguística de Corpus enquanto abordagem metodológica. Segundo Krieger e Finatto (2004) “ainda são recentes as metodologias para a elaboração de glossários que utilizam *softwares* para a análise estatística, lexical e gramatical em textos baseados em corpora”.

Na apresentação da metodologia desenvolvida nesta dissertação, buscamos explicitar as ferramentas utilizadas na pesquisa. Desse modo, tratamos da utilização da Linguística de Corpus e o programa computacional *Wordsmith Tools* (WST) para recolher os termos da linguagem especializada com mais eficiência e rapidez, a constituição do corpus, finalizando com a etapa da organização dos dados em fichas terminológicas, com o objetivo de controlar os termos e suas informações para o preenchimento da microestrutura.

3.1.1 Linguística de Corpus (LC)

Nos estudos linguísticos, a pesquisa baseada em corpus tem se desenvolvido rapidamente por ser um tipo de pesquisa que utiliza e analisa dados que comprovem e legitimam a investigação científica. Seja no campo geral ou especializado, o léxico tem sido uma das áreas que mais recebe a atenção dos linguistas de corpus, bem como uma das que mais se beneficia e se projeta para o mundo.

Enquanto metodologia, a LC tem se mostrado de grande importância para os diversos ramos da Terminologia, pois está centrada no uso da língua, tendo como

objeto de estudo situações reais, por meio de textos escritos ou do discurso oral. Segundo Berber Sardinha (2004, p. 03), a LC:

[...] ocupa-se da coleta e da exploração de corpora, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas extraídas por meio de computador.

O uso da LC oferece várias vantagens para o pesquisador, como: a possibilidade de se trabalhar com uma grande quantidade de textos e gastar pouco tempo em sua análise. Assim, é graças a LC que se pode levantar e selecionar palavras e combinações de palavras de maneira mais rápida e eficiente.

Para a realização desta pesquisa utilizamos uma das ferramentas da LC, o programa computacional denominado *Wordsmith Tools*, desenvolvido por Mike Scott da Universidade de Liverpool. É um programa concordanceador de análise de corpus usado nas Ciências Sociais. Por se tratar de um *software* muito útil, acaba acelerando o processo de levantamento dos termos, o que levaria mais tempo, caso fosse feito manualmente. Para Berber Sardinha (2004, p. 112):

[...] é fácil perceber que se trata de um programa que reúne as principais ferramentas que o linguista de corpus precisa para identificar e comparar frequências e listar palavras no seu contexto original.

O *Wordsmith Tools* é composto das seguintes ferramentas:

- *Wordlist* - Ferramenta básica do *Wordsmith Tools*. Ela fornece ao pesquisador uma lista de palavras do texto. Essa lista pode aparecer em ordem alfabética, ordem de frequência e dados gerais sobre o corpus. Através dessa

ferramenta é possível criar listas de palavras dos textos que compõe o corpus.

- *Keyword* - Esta ferramenta faz a comparação entre a lista de palavras consideradas mais importantes geradas dos textos selecionados e um corpus de referência. Essa comparação é importante, visto que, através dela pode-se ter acesso aos termos típicos do corpus de análise.
- *Concord* - Ferramenta que produz concordâncias. Concordâncias, segundo Berber Sardinha (2009, p. 87) “são listagens das ocorrências de um item específico (chamado termo de busca ou nóculo, que pode ser formado por uma ou mais palavras) acompanhado do texto ao seu redor (o co-texto)”. Através do *Concord* é possível analisar em que contexto um termo está situado. No caso de elaboração de dicionários e glossários, é uma ferramenta muito útil na hora de construir as definições.

Krieger e Finatto (2004) relatam que as metodologias com o apoio de *softwares* utilizados para análise estatística, lexical e gramatical em textos baseados em *corpora* ainda são vistas como algo recente.

3.1.2 - A representatividade do corpus

Para qualquer pesquisa da área, a representatividade de um corpus é de grande importância, visto que, para Berber Sardinha (2000, p. 342), “um corpus, seja de que tipo for, é tido como representativo da linguagem de um idioma ou de uma variedade dele”. Pois o tamanho do corpus é importante para que ele seja considerado representativo.

De acordo com Berber Sardinha (2004, p. 19), alguns critérios são úteis na formação de um corpus computadorizado, são eles:

- (1) O corpus deve ser composto de textos autênticos, em linguagem natural. Assim, os textos não podem ter sido produzidos com o propósito de serem alvo de pesquisas linguística. E não podem ter sido criados em linguagem artificial, tais como linguagem de programação de computadores ou anotação matemática.
- (2) Autenticidade dos textos subentende textos escritos por falantes nativos. Tanto assim que, quando este não é o caso, deve-se qualificá-lo, falando-se em *corpora* 'de aprendizes' ('learner corpora').
- (3) O conteúdo do corpus seja escolhido criteriosamente. Os princípios da escolha dos textos devem seguir, acima de tudo, as condições de naturalidade e autenticidade. Mas devem também obedecer a um conjunto de regras estabelecidas pelos seus criadores de modo que o corpus coletado corresponda às características desejadas.
- (4) Representatividade. Tradicionalmente, tende-se a ver um corpus como um conjunto representativo de uma variedade linguística ou mesmo de um idioma.

É pertinente ressaltar que a máxima “quanto maior o corpus melhor”, não deve ser sempre seguida, visto que o corpus é uma amostra de uma população, cuja dimensão não se conhece (a linguagem como um todo). (SINCLAIR, 1991, *apud* SARDINHA, 2000).

3.1.3- Constituição do Corpus

Por ser a TCT uma teoria terminológica descritiva de base linguística, é importante que seja feita a definição do tipo de corpus a ser selecionado para garantir a validade e a confiabilidade da pesquisa. Sendo assim, para Almeida (2006, p. 87), “uma pesquisa terminológica fundamentada na TCT deve prever, inicialmente, a organização de um corpus”. É nessa fase que o pesquisador precisa

estar ciente do que deseja analisar, pois os textos que irão constituir o corpus devem estar de acordo com os objetivos da pesquisa. Para isso, a LC pressupõe que o corpus seja:

- Autêntico, em que o uso da linguagem deve ser de ordem comunicativa;
- Natural, ou seja, a linguagem deve conferir o uso de falantes nativos;
- Criterioso, uma vez que a constituição do corpus seja pertinente à pesquisa desenvolvida.

A organização do corpus é fundamental para todo o desenvolvimento da pesquisa, visto que é a partir dessa organização que podemos averiguar o uso da terminologia da Audiodescrição.

Como este trabalho é uma proposta de um glossário semitrilíngue, tendo como foco principal a língua portuguesa, o inglês e o espanhol como línguas usadas para a equivalência dos termos-entrada, foram compilados três corpora com textos sobre AD:

1. Corpus em língua portuguesa (através desse corpus os termos da AD foram recolhidos).
2. Corpus em língua inglesa (usado para averiguar a equivalência dos termos em inglês).
3. Corpus em língua espanhola (também usado para averiguar a equivalência em espanhol).

Os corpora para esta pesquisa foram constituídos por textos tais como: livros, e artigos, compreendendo os anos entre 2007 a 2010.

O corpus em português é o corpus principal desta pesquisa, pois foi através dele que os termos foram extraídos e os contextos de uso desses termos foram retirados. O corpus em português foi constituído por:

- FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V. S. (org) **TradTerm** (Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia), vol. 13, São Paulo: Humanidades (FFLCH-USP), 2007.
- MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (org). **Audiodescrição : transformando imagens em palavras**. São Paulo : Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo , 2010.
- MAGALHÃES, C; ARAÚJO, V. S. **Metodologia para elaboração de audiodescrições para museus baseada na semiótica social e multimodalidade**: introdução teoria e prática (no prelo).

Os corpora em espanhol e inglês que foram utilizados para retirar os equivalentes nas duas línguas, são constituídos por:

- PAÍA, M. P. **Guión cinematográfico y guión audiodescriptivo**: un viaje de ida y vuelta. Universidad de Granada, Programa Interuniversitario de Doctorado, 2007b.
- JIMÉNEZ-HURTADO, C. **Traducción y accesibilidad**: subtítulos para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual. Amsterdã: Peter Lang, 2007.
- DÍAZ CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (ed.). **Media for all**: subtitling for the deaf, audio description, and sign language. Amsterdam: Rodopi, 2007

- MATAMALA, A. **Teaching voice-over: A practical approach.** In: DIAZ CINTAS, J. **The Didactics of Audiovisual Translation.** Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, 2008, p. 115-137.
- SNYDER, J. **Audio description: The visual made verbal.** In: DIAZ CINTAS, J. **The Didactics of Audiovisual Translation.** Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, 2008, p. 193-198.

A constituição do corpus segue de acordo com os objetivos da pesquisa. Daí a escolha dos textos aqui selecionados.

3.1.4 A árvore de domínio

Essa é uma etapa imprescindível em projetos terminológicos, pois é através da árvore de domínio que traçamos o alcance temático do nosso trabalho. Para Krieger e Finatto (2004, p. 134), “uma árvore de domínio é um diagrama hierárquico composto por termo-chave de uma especialidade semelhante a um organograma”.

Segundo Almeida (2006, p. 89), em uma pesquisa terminológica, a árvore de domínio é fundamental para:

- 1) possibilitar uma abordagem mais sistemática de um campo de especialidade;
- 2) circunscrever a pesquisa, já que todas as ramificações da área-objeto, com seus campos, foram previamente consideradas;
- 3) delimitar o conjunto terminológico;
- 4) determinar a pertinência dos termos, pois separando cada grupo de termos pertencente a um determinado campo, poder-se-á apontar quais termos são relevantes para o trabalho e quais não são;
- 5) prever os grupos de termos pertencentes ao domínio, como também os que fazem parte de matérias conexas;
- 6) definir as unidades

terminológicas de maneira sistemática e, finalmente; 7) controlar a rede de remissivas.

Para nosso trabalho nos detivemos apenas a quatro subdomínios, uma vez que esta pesquisa é apenas o protótipo de um trabalho a ser desenvolvido no futuro.

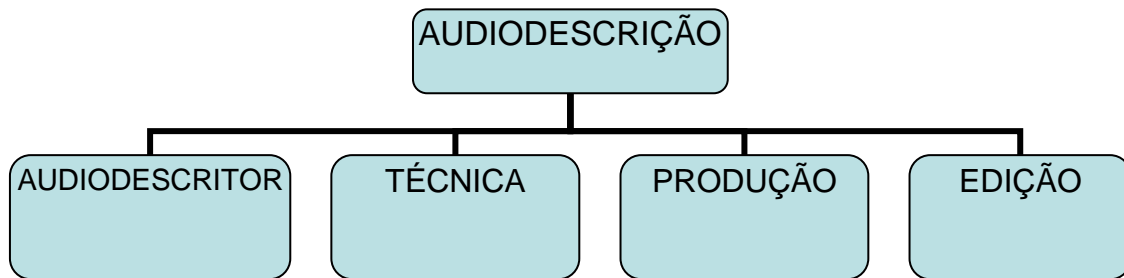


Gráfico 1 – Mapa conceitual (árvore de domínio)

Os termos extraídos, foram inseridos na árvore de domínio que foi previamente delineada para esta pesquisa.

3.1.5 Fichas terminológicas

A ficha terminológica é uma tabela de informações estruturadas acerca de uma unidade lexical. Define, delimita, classifica e exemplifica um termo. Tais fichas são elementos básicos para a organização das informações e elaboração de um glossário. Dessa forma, torna-se bem mais fácil montar um glossário baseado nessas fichas. A importância das fichas é sua representação como um dossiê de uma noção dentro do qual podemos encontrar informações a respeito do termo como: natureza da noção, classificação e relação com os demais termos (FARIAS, 2001, p. 53). A ficha terminológica, de acordo com Krieger e Finatto (2004, p. 136):

É um elemento de grande importância na organização de repertórios de terminologias e um dos itens fundamentais para a geração de um dicionário. Pode ser definida como um registro completo e organizado de informações referentes a um dado termo. Nela, constam informações indispensáveis, tais como a fonte textual de coleta de um termo, segmentos de texto onde esse termo ocorre, seus contextos de uso, informações sobre variantes denominativas, sinônimos, construções recorrentes que o acompanham.

As fichas terminológicas não seguem um modelo. Segundo Almeida (2006, p. 90) “não há um modelo ideal de ficha terminológica, cada ficha deve refletir as necessidades do projeto, isto é: “para quê” e “para quem” se faz determinado dicionário”. Pois a criação das fichas está relacionada com o propósito de cada trabalho, não havendo como bem preconizam Krieger e Finatto (2004), um modelo único de ficha que possa atender a todas as especificidades de diferentes trabalhos.

3.1.6 Público-alvo

O repertório terminológico deve ser um instrumento útil para a consulta do usuário, proporcionando informações léxico-semânticas de áreas de conhecimento especializado. Nisso consiste a importância do pesquisador conhecer o perfil do usuário, pois cada um tem suas necessidades.

O público-alvo deste glossário seriam pesquisadores e profissionais da área. Assim, o conjunto de informações que estão contidas no glossário, poderá atingir e ajudar pesquisadores e profissionais em AD no avanço dessa nova área de estudo dentro da academia.

3.2 Descrição e processo de produção da proposta da microestrutura do glossário.

O processo de produção da proposta da microestrutura segue três etapas indispensáveis em uma pesquisa como essa, as quais são: 1) Critérios para a escolha dos termos; 2) Organização das fichas terminológicas e 3) Critérios para a organização da microestrutura.

3.2.1- Critérios para a escolha dos termos

Para obter a lista de todas as palavras encontradas no corpus sobre Audiodescrição com suas respectivas frequências, usamos a ferramenta *Wordlist* do programa *WordSmith Tools*.

Utilizamos a ferramenta da seguinte forma: Abrimos o programa WST e selecionamos a ferramenta *Wordlist*. Em seguida “carregamos” os textos para o programa. Para isso, bastou seguir os comandos *settings>choose text now*, selecionar os textos desejados e armazená-los na memória do programa. Após esse procedimento clicamos em ok.

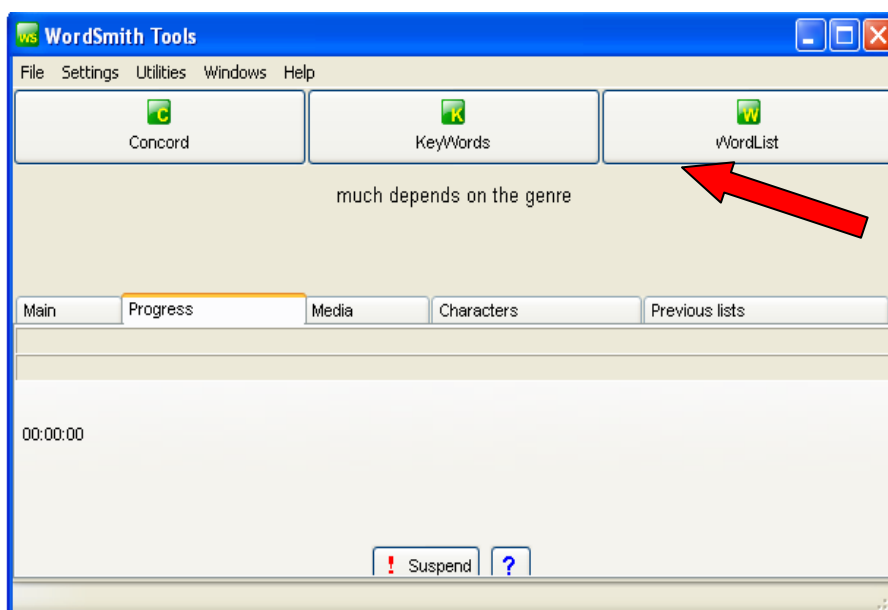


Figura 1– Janela principal do *WordSmith* 5.0

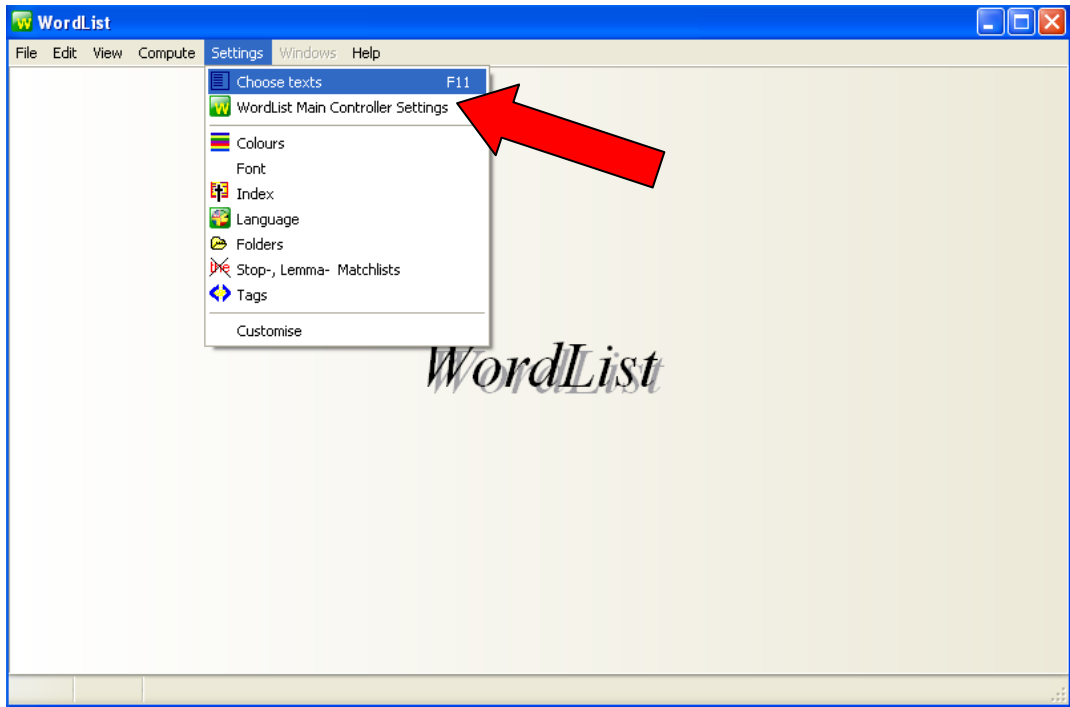


Figura 2 - Janela do *Wordlist*, opção Setting e Choose Texts

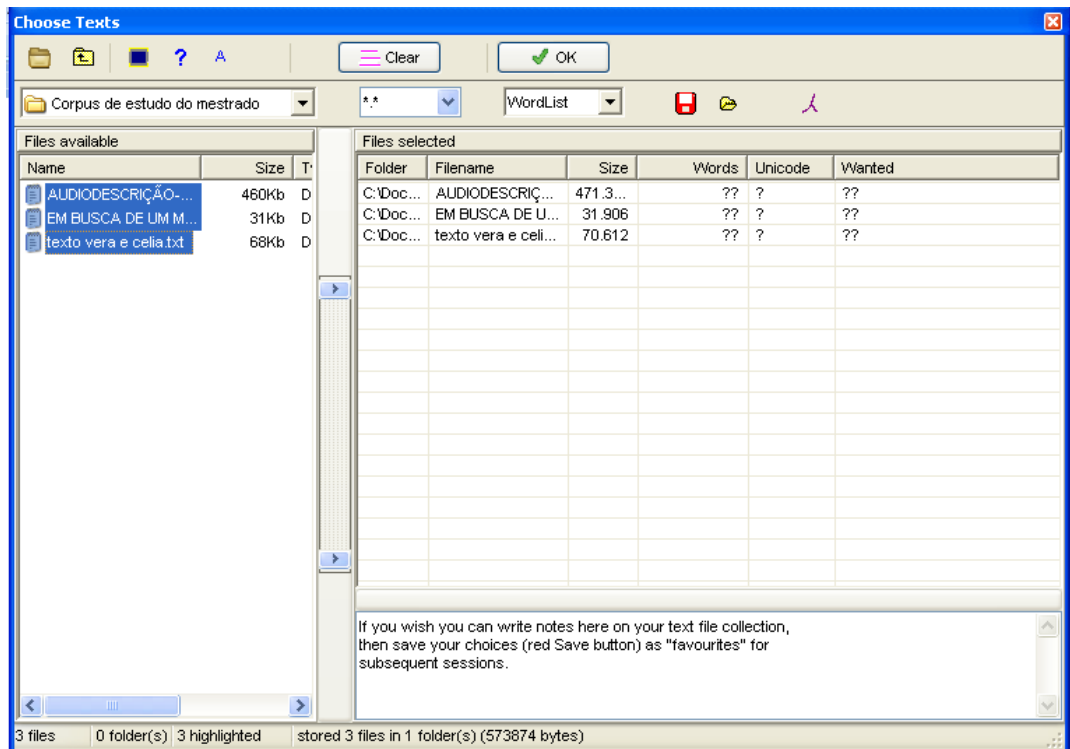


Figura 3 - Na janela *Choose Texts*, os textos armazenados são selecionados

Finalmente, clicamos na opção *Make a wordlist now* e a lista de palavras apareceu. Em seguida, escolhemos a opção *File* na janela do *Wordlist* e clicamos em *Save* para salvar a lista de palavras.

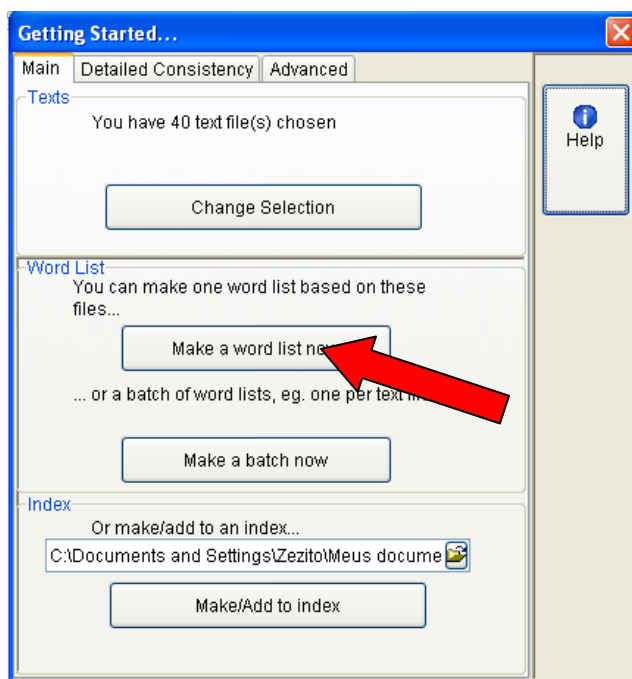


Figura 4- Tela *Getting Started*

N	Word	Freq.	%	Texts	%	Lemmas	Set
16	AUDIODESCRIÇÃO	622	0.73	3	100.00		
17	É	596	0.70	3	100.00		
18	NA	568	0.67	3	100.00		
19	SE	536	0.63	3	100.00		
20	AS	518	0.61	3	100.00		
21	COMO	518	0.61	3	100.00		
22	POR	476	0.56	3	100.00		
23	NÃO	468	0.55	3	100.00		
24	DOS	415	0.49	3	100.00		
25	DAS	406	0.48	3	100.00		
26	PESSOAS	396	0.47	3	100.00		
27	DEFICIÊNCIA	373	0.44	3	100.00		
28	AO	361	0.43	3	100.00		
29	MAIS	333	0.39	3	100.00		
30	OU	329	0.39	3	100.00		
31	À	284	0.33	3	100.00		
32	FOI	284	0.33	3	100.00		
33	SÃO	282	0.33	3	100.00		
34	FILME	280	0.33	3	100.00		
35	VISUAL	275	0.32	3	100.00		

Figura 5- lista de palavras por ordem de frequência gerada pela ferramenta *Wordlist*

Ao terminar a primeira análise do corpus em forma de lista de palavras, inicia-se a criação das palavras-chave. Porém, antes de começar a trabalhar com a ferramenta *Keyword*, é fundamental a criação de lista de palavras de um corpus geral de referência. Para esta pesquisa, utilizamos o corpus de referência do Projeto Lácio-Web, que é composto de textos em português brasileiro, tendo como característica o fato de serem escritos respeitando a norma culta.

Essa outra lista de palavras do corpus de referência é usada como parâmetro de comparação para a ferramenta *Keyword*. Através dela, o programa faz uma análise contrastiva entre os dois corpora e verifica as palavras que se destacam a partir da frequência de uso no corpus de especialidade. Assim, as palavras que aparecem na listagem são típicas da área que está sendo estudada.

Para obter a lista de palavras-chave basta ir à tela inicial do WST, abrir a ferramenta *Keyword* e escolher a opção *file>new*. Na janela *Getting started*, selecionamos primeiramente a lista de palavras do corpus de estudo e depois a do corpus de referência. Em seguida, clicamos em *Make a keyword list now* para que a lista de palavras-chave fosse criada.

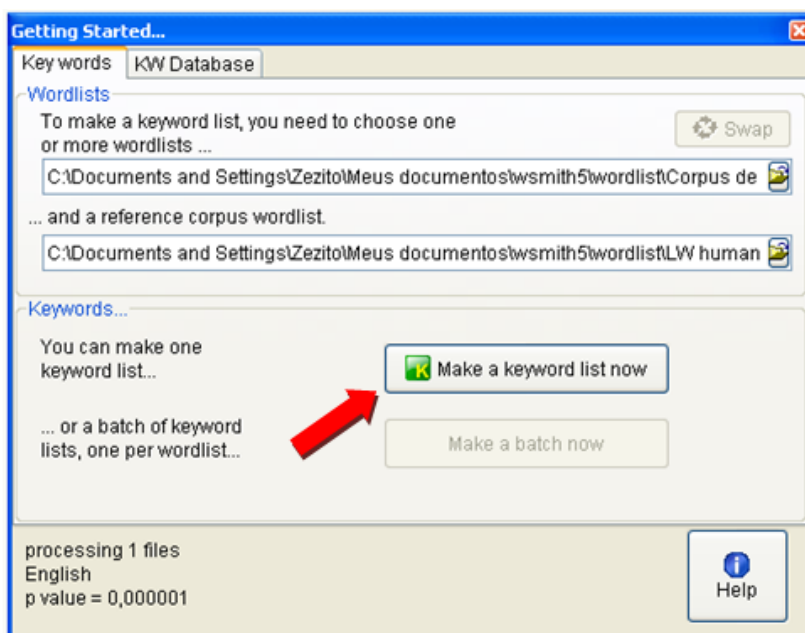


Figura 6- Tela *Getting Started* no *Keyword*

N	Key word	Freq.	%	C. Freq.	RC. %	Keyness	P	Lemmas	Set
1	AUDIODESCRIÇÃO	622	0.73	0		4,151.19	000000		
2	DEFICIÊNCIA	373	0.44	33		2,261.81	000000		
3	AD	271	0.32	10		1,721.92	000000		
4	VISUAL	275	0.32	89		1,435.76	000000		
5	ACESSIBILIDADE	217	0.26	3		1,415.73	000000		
6	PESSOAS	396	0.47	1,224	0.05	928.47	000000		
7	AUDIODESCRITORES	105	0.12	0		700.15	000000		
8	FILME	280	0.33	796	0.03	691.54	000000		
9	AUDIOVISUAL	106	0.12	21		594.43	000000		
10	CEGOS	97	0.11	13		567.81	000000		
11	TELEVISÃO	132	0.16	157		493.14	000000		
12	AUDIODESCRITOR	72	0.08	0		480.07	000000		
13	RECURSO	125	0.15	167		446.91	000000		
14	FILMES	156	0.18	341	0.01	446.60	000000		
15	VIVO	108	0.13	98		442.17	000000		
16	COM	1,217	1.43	17,047	0.74	412.25	000000		
17	PORTARIA	64	0.08	6		386.21	000000		
18	ROTEIRO	85	0.10	55		383.15	000000		
19	VISUAIS	70	0.08	46		314.27	000000		
20	ÁUDIO	44	0.05	0		293.36	000000		

Figura 7- palavras-chave geradas pela ferramenta *Keyword*

Na primeira coluna da figura acima, estão as palavras-chave mais frequentes; a segunda e a terceira coluna mostram a frequência e a porcentagem das palavras em relação ao corpus de análise. Já a quarta e a quinta mostram a frequência e a porcentagem das palavras-chave em relação ao corpus de referência.

As palavras que aparecem são indicadas pela ordem de chavidade (*keyness*), ou seja, são aquelas palavras cujas frequências são mais diferentes em relação ao corpus de referência. As mais frequentes comparadas e analisadas contrastivamente pela ferramenta *Keyword*, serão os prováveis “candidatos a termos”.

Feito o levantamento dos termos típicos do *corpus* de estudo através da ferramenta *Keyword*, partimos para a análise dessa lista de palavras-chave. Para isso, pegamos um domínio, observamos os termos mais frequentes e selecionamos quatro subdomínios. Vejamos o gráfico:

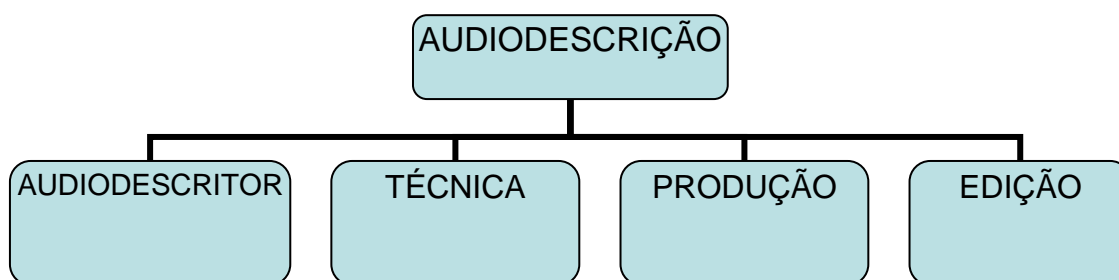


Gráfico 2 – subdomínios relacionados ao domínio

A tabela a seguir, mostra a lista com vinte e três termos escolhidos que apresentam frequência acima de cinco e que se situam na estrutura conceptual dos subdomínios selecionados. (A lista completa com as *keywords* está no anexo da dissertação).

N	Key word	Freq.
01	AUDIODESCRIÇÃO	622
02	ROTEIRO	85
03	PRODUÇÃO	67
04	AUDIODESCRITOR	62
05	TÉCNICA	42
06	NARRAÇÃO	41
07	ACESSÍVEL	37
08	VOICE	32
09	GRAVAÇÃO	23
10	LOCUTOR	18
11	NARRADOR	17
12	LOCUÇÃO	15
13	AUDIODESCREVER	14
14	SIMULTÂNEA	13
15	ENTONAÇÃO	12
16	ROTEIRISTA	11
17	MIXAGEM	8
18	SOBREPOR	7

19	AUTORAÇÃO	6
20	DEIXAS	6
21	ATOR	6
22	RUBRICAS	5
23	MENU	5

Tabela 1- Lista de keywords

Com a lista da seleção dos termos, observamos que alguns termos se agrupavam com outros formando unidades de duas palavras, como por exemplo o termo *audiodescritor* que aparece acompanhado com outros termos. Para recolhermos esses agrupamentos de palavras, usamos a ferramenta *Concord* em busca dos *Clusters*, que segundo Berber Sardinha (2009, p. 12), “são agrupamento de palavras ou sequência fixas de palavras”.

Para encontrar os *Clusters*, abrimos a ferramenta *Concord* do WST, carregamos novamente os textos do corpus de estudo seguindo os comandos *file>new>choose texts now*. Depois que os textos estavam carregados, a janela *getting started* apareceu. Na opção *search Word*, digitamos a palavra de busca que queríamos investigar, no caso o termo *audiodescritor*, em seguida clicamos em *ok*.

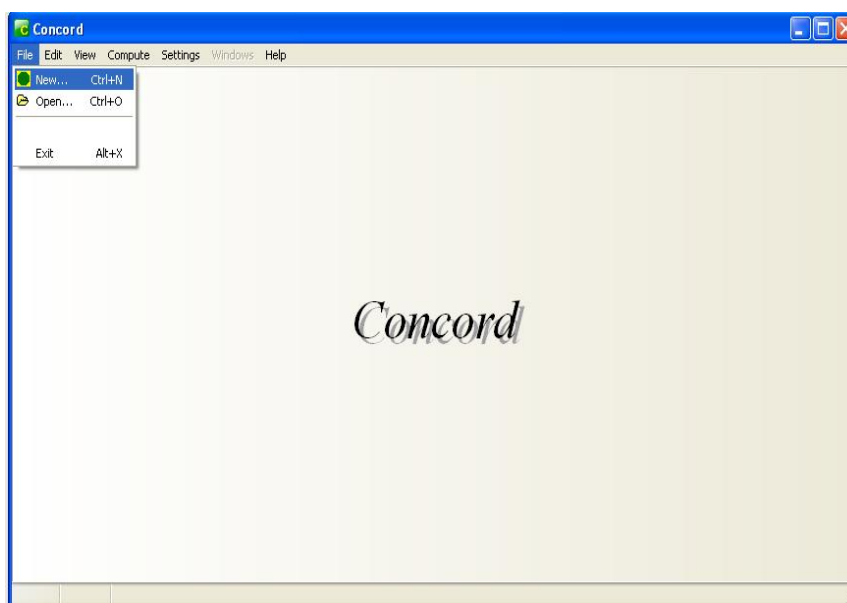


Figura 8- janela inicial da ferramenta *Concord*

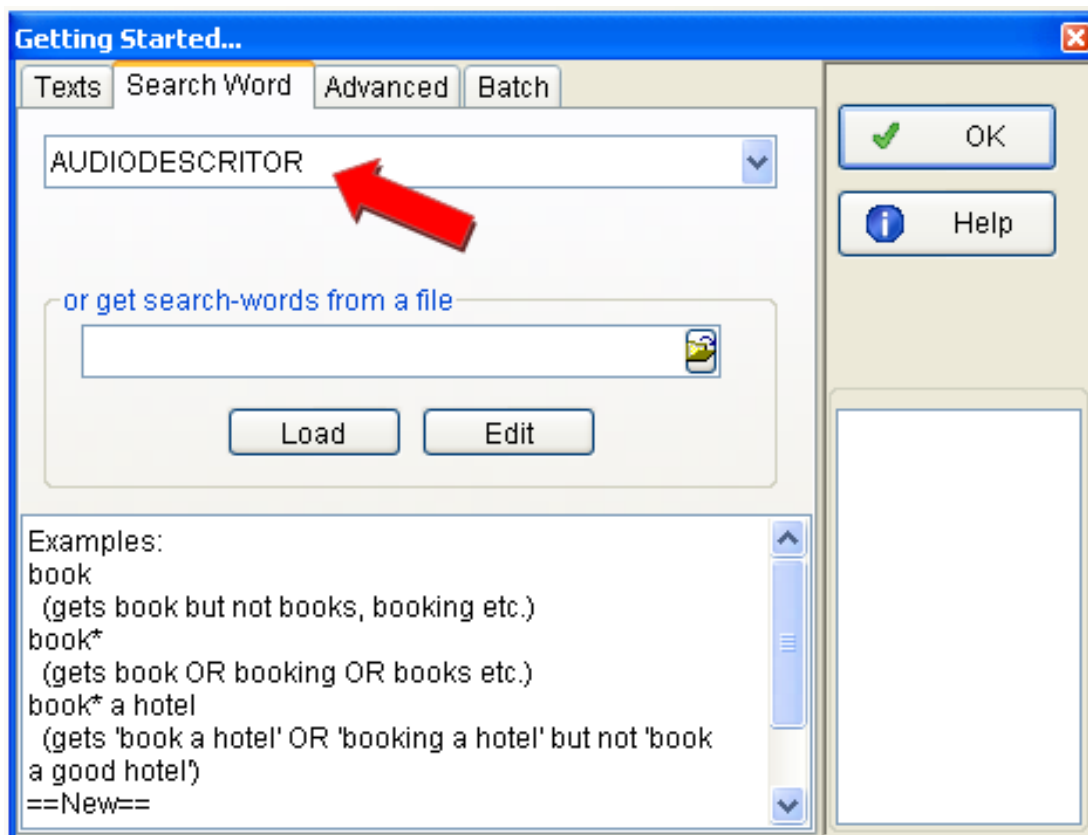


Figura 9- janela *getting started* da ferramenta *Concord*

Feito esse procedimento, a janela da ferramenta *Concord* apareceu mostrando todas as concordâncias com a palavra de busca. Para encontrarmos os *clusters*, configuramos a busca com a frequência e a quantidade de palavras dos *clusters*. Para isso, bastou seguir os comandos *compute>clusters* para que a janela *Cluster Setting* abrisse. Na opção *words in cluster* pudemos escolher o mínimo e o máximo de palavras agrupadas, e logo em baixo a frequência mínima em que o cluster apareceu, em seguida clicamos em ok.

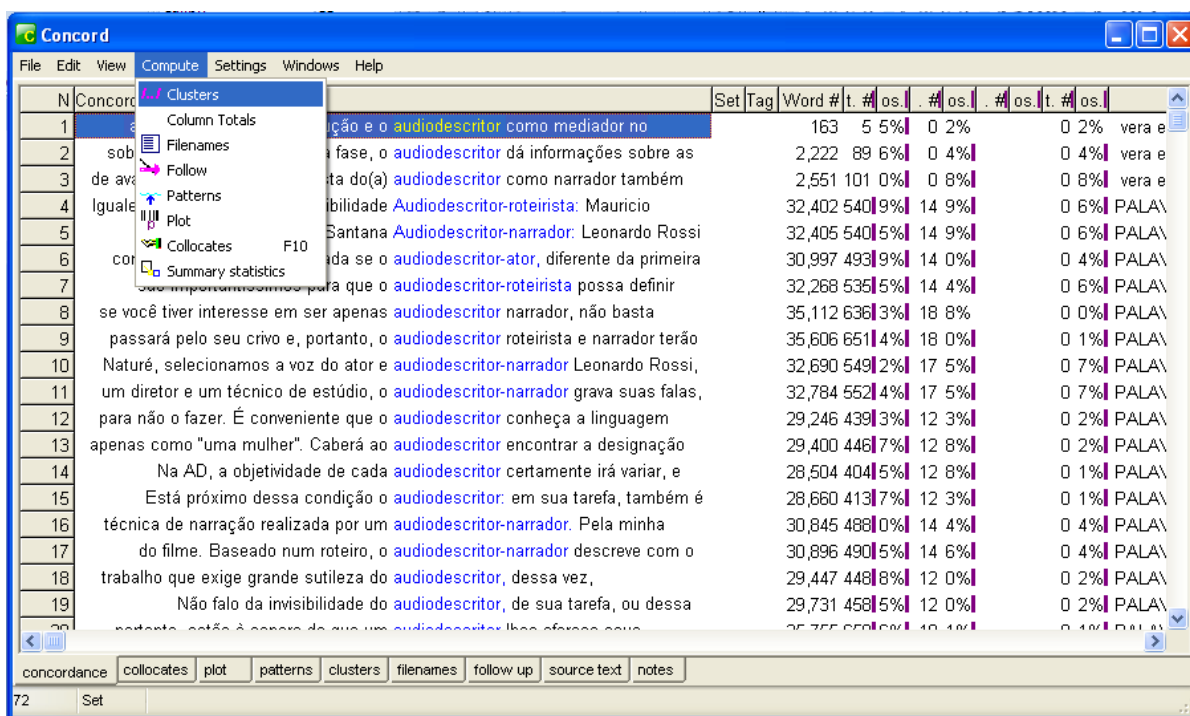


Figura 10- janela da ferramenta *Concord* com a opção de configurar a busca dos *clusters*

Para nossa pesquisa, escolhemos o mínimo de duas e o máximo de três palavras agrupadas, com frequência mínima de dois.

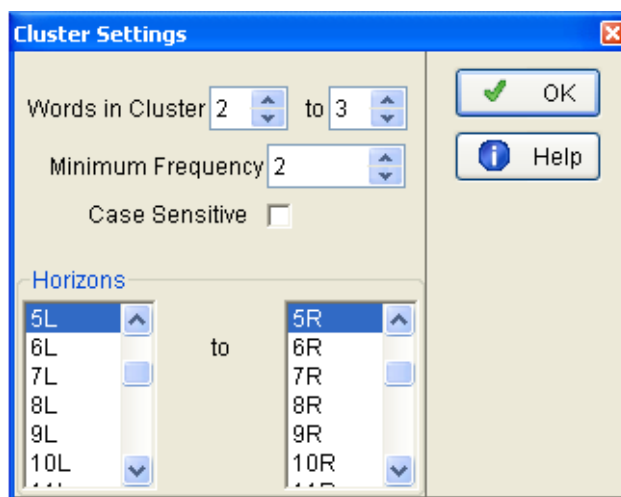


Figura 11- janela *Cluster Setting*

Tendo configurado a busca, clicamos na opção *clusters* na janela *concord* e apareceu uma lista com os *clusters* do corpus, conforme ilustrado na figura 12.

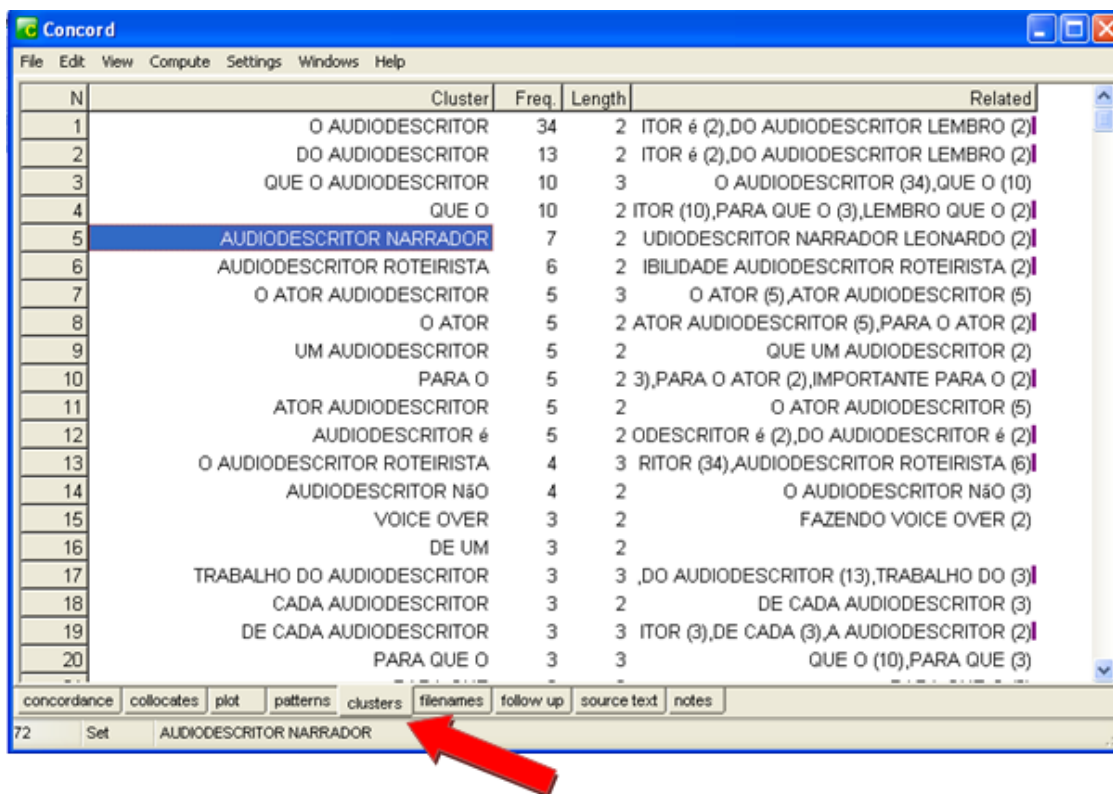


Figura 12- lista de *Clusters*

A partir da lista de *clusters*, observamos os principais agrupamentos tanto envolvendo o termo *audiodescritor* como outros termos. Vejamos na tabela abaixo:

Clusters	Freq.
AUDIODESCRITOR NARRADOR	7
AUDIODESCRITOR ROTEIRISTA	6
ATOR AUDIODESCRITOR	5
AUDIODESCRITOR LOCUTOR	5
AUDIODESCRIÇÃO SIMULTÂNEA	5
MENU ACESSIVEL	4

Tabela 2- Lista de *clusters*

Extraído os termos e encontrado os *clusters*, partimos para a organização dos termos na árvore de domínio. Vejamos como ficou:

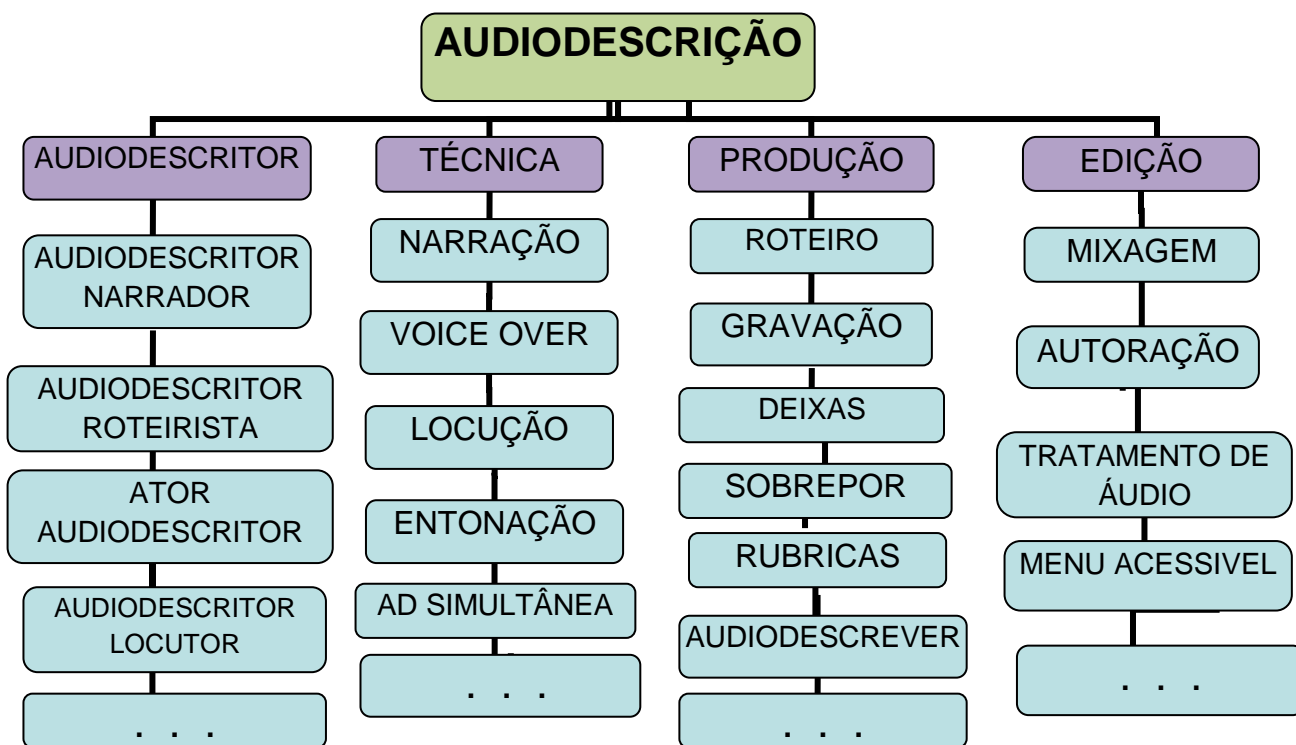


Gráfico 3 – árvore de domínio preenchida com os termos

3.2.2- Organização das fichas terminológicas

Organizamos os termos selecionados em fichas terminológicas usando o programa *Microsoft Office Acess 2007*. Cada termo da árvore de domínio preenche uma ficha terminológica. Ao todo foram vinte fichas. Armazenamos cada ficha enumerada em uma pasta no computador para melhor organização.

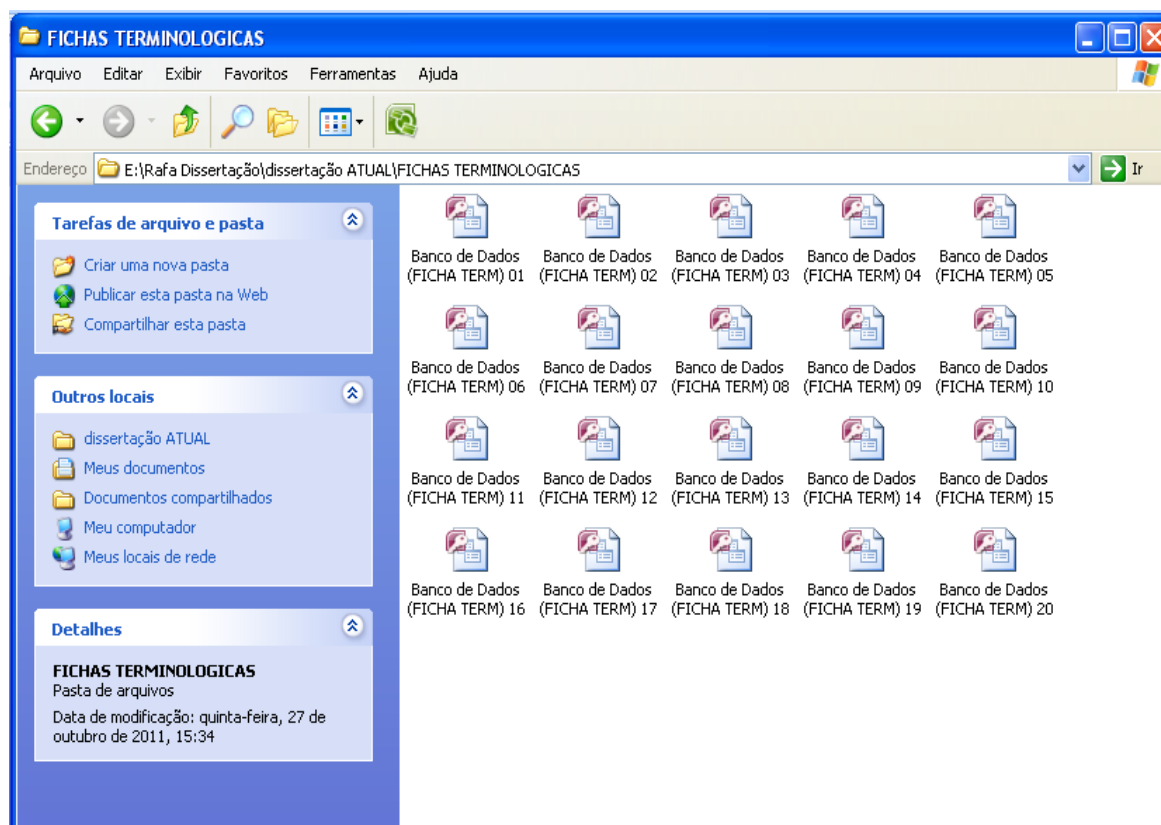


Figura 13 – Fichas terminológicas armazenadas em pasta no computador

A ficha terminológica elaborada para este trabalho apresenta dez campos, que enumeramos abaixo:

- 1- Número da Ficha
- 2- Termo - entrada
- 3 - informação gramatical
- 4- contexto (1)
- 5- contexto (2)
- 6- contexto (3)
- 7- definição

8- subdomínio

9- equivalente em Espanhol

10- equivalente em Inglês

Apresentamos a seguir o nosso modelo de ficha terminológica.

FICHA TERMINOLÓGICA	
FICHA:	1
TERMO ENTRADA:	
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	
CONTEXTO (1):	
CONTEXTO (2):	
CONTEXTO (3):	
DEFINIÇÃO:	
SUBDOMÍNIO:	
EQUIVALENTE (Espanhol):	
EQUIVALENTE (Inglês):	

Registro: 1 de 1 | Sem Filtro | Pesquisar

Figura 14 – Base de dados *Microsoft Access* (modelo de Ficha Terminológica)

Cada ficha é enumerada e preenchida com elementos fornecidos pelo corpus. Vejamos agora alguns aspectos que caracterizam a ficha terminológica.

a) O campo 1 apresenta o número de cada ficha terminológica para melhor organização.

b) O campo 2 contém o termo-entrada. É o termo que será organizado dentro da microestrutura do glossário. Todas as outras informações contidas na ficha são referentes a ele. A apresentação do termo segue algumas regras bem definidas, tais como: emprego de letras maiúsculas e forma lematizada. Em geral, tal forma se apresenta ficando o nome no masculino singular; e o verbo no infinitivo.

c) O campo 3 consiste na informação gramatical. A natureza gramatical do termo é informada tal como é utilizada no contexto que lhe serve de referência.

d) Os campos 4, 5 e 6 apresentam os contextos que são verdadeiras referências de múltiplas informações. Devido ao seu caráter definidor e explicativo, os contextos possuem definições e conceitos referentes ao termo. Daí a importância de selecionarmos esses tipos de contextos.

e) No campo 7 é descrito linguisticamente o conceito do termo-entrada. Vale ressaltar que na elaboração das definições, fizemos uso daquelas encontradas no próprio corpus. Elaborar as definições, sem dúvida, foi uma das fases mais delicadas e também mais importantes de todo nosso trabalho, pois as definições terminológicas não devem ser elaboradas de forma aleatória. Ao contrário, “devem seguir algumas convenções que lhes imprimam certa sistematicidade, que variam de acordo com o trabalho terminográfico”. (ANJOS, 2006, p.81). Na hora de escrever as definições, levamos em conta os seguintes princípios propostos por González-Jover e Vargas Sierra (*apud* COLLAÇO, 2008, p. 87-88):

a. *Previsibilidade*: a definição insere o conceito numa árvore conceitual ou de campo. A definição deve se situar dentro de um campo de atividades (dentro de um campo nocional ou de uso), ou seja, corresponderá a uma realidade bem determinada;

b. *Brevidade*: a definição é concisa e clara, e está constituída, sempre que seja possível, por não mais de uma frase;

c. *Enunciado afirmativo*: a frase diz o que é conceito e não o que não é;

d. *Sem circularidade*: a definição não remete a outra definição que, por sua vez, remete de novo à primeira;

e. *Sem ambiguidade*;

f. *Precisão*: às vezes o máximo de precisão faz que a definição não seja clara;

g. *Ausência de tautologia*: a definição não é uma paráfrase do termo e sim uma descrição dos traços semânticos do conceito. As definições não devem repetir a entrada, nem os campos, nem os indicativos gramaticais, nem os traços fonéticos;

h. *Informação suficiente e necessária*: o critério da economia nos impõe não esgotar todas as possibilidades; ter-se-á que

selecionar a informação pertinente em cada caso. Há que limitar a extensão da definição aos elementos necessários para a compreensão do sentido do termo por parte dos usuários.

f) O campo 8 indica o subdomínio que corresponde a área em que determinado termo ocorre. Por sua vez, o subdomínio depende de um domínio maior, que nesse caso, é o termo AUDIODESCRIÇÃO.

g) Nos campos 9 e 10 estão os equivalentes em espanhol e os equivalentes em inglês. Os termos equivalentes encontrados foram retirados dos corpora compilados sobre Audiodescrição nas línguas inglesa e espanhola.

Na sequência, vejamos um exemplo de ficha terminológica com os campos devidamente preenchidos. (Todas as fichas preenchidas estão nos anexos deste trabalho).

FICHA TERMINOLÓGICA	
FICHA:	1
TERMO ENTRADA:	AUDIODESCRITOR NARRADOR
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s. m.
CONTEXTO (1):	“Baseado num roteiro, o audiodescritor-narrador descreve com o máximo de detalhes e sem julgamento tudo que acontece nas cenas de uma obra audiovisual.”
CONTEXTO (2):	“[...] o audiodescritor-narrador grava suas falas, acompanhando o filme por um monitor de vídeo e com o som original transmitido para o seu fone de ouvido.”
CONTEXTO (3):	“A AD é um recurso de tradução audiovisual, que trabalha com uma relação intersemiótica – transformando imagem em palavras – e se concretiza através da técnica de narração realizada por um audiodescritor-narrador”.
DEFINIÇÃO:	Audiodescritor que narra as falas que estão escritas no texto audiodescrito através da técnica da narração.
SUBDOMÍNIO:	Audiodescritor
EQUIVALENTE (Espanhol):	Audiodescriptor
EQUIVALENTE (Inglês):	Audiodescriber

Figura 15 – Ficha Terminológica preenchida na base de dados *Microsoft Access*

Os campos das fichas foram preenchidos com dados retirados a partir do corpus com o objetivo de fazer um controle das informações que o corpus continha. Através desses dados, extraímos as informações que constituíram o verbete.

3.2.3 Critérios para a organização da microestrutura

Para elaborar a estrutura da nossa proposta, levamos em conta um dos pontos que sempre é trabalhado por aqueles que objetivam elaborar um dicionário ou glossário, a saber: a organização da microestrutura.

A microestrutura é responsável pela organização dos verbetes e por todas as informações que o compõem, tais como informações gramaticais, definição, contexto, equivalentes, remissivas, etc.

Ao iniciar a montagem de uma microestrutura, é importante levar em conta todas as possibilidades de composição dos paradigmas que nela aparecem e a necessidade desses paradigmas frente a uma obra voltada para um determinado público. Dessa forma, na compilação de um glossário, a microestrutura é de extrema importância, visto que, segundo Barbosa (1990, p.53) “uma vez adotado um programa para uma obra lexicográfica, teremos que sustentá-lo ao longo de toda a obra, caso contrário, correremos o risco de empobrecer a qualidade da obra lexicográfica”.

Para Barbosa (1995, p. 266), uma microestrutura possível para um dicionário terminológico, deverá ser constituída de:

Artigo= [+ Entrada (vocabulário) + Enunciado terminográfico (+ Paradigma Informacional 1 (pronúncia, abreviatura, categoria, gênero, número, etimologia, área, subárea, etc.), + Paradigma definicional (acepção específica da área científica/tecnológica ou de um falar especializado), +/- Paradigma Pragmático (exemplo de emprego específico daquela área), +/- Paradigma informacional (frequência, normalização, banalização/vulgarização/popularização, etc.), +/- Paradigma informacional (Remissivas relativas ao universo do discurso em questão)].

Quadro 3 - Barbosa 1995

Para esta pesquisa, utilizamos como referência, o modelo de microestrutura demonstrado acima. Porém adaptamos o modelo a nossa pesquisa e obtivemos uma estrutura abstrata que servirá para verbetes com equivalência. Vejamos a seguir:

VERBETE= [termo entrada + Enunciado terminográfico + (Paradigma Informacional (categoria gramatical) + Paradigma definicional (definição) + Paradigma Pragmático (exemplo de emprego específico daquela área, contexto) + Paradigma de Forma Equivalente (equivalentes em Espanhol e Inglês) (+/- remissivas +/- notas)].

Quadro 4 – Microestrutura adotada

Para uma melhor compreensão, especificaremos cada um dos elementos que constituem o verbete:

a) Termo entrada: entende-se por entrada a unidade léxica de qualquer extensão que, na composição do verbete lexicográfico é objeto de definição ou explicação e, eventualmente, de tratamento enciclopédico (PONTES, 2009). Em outras palavras, é o termo principal. A apresentação desse termo segue regras definidas como: o emprego de letras maiúsculas, em negrito e na forma lematizada. Essa forma se apresenta com o substantivo e o adjetivo no masculino singular; e se houver verbo, no infinitivo.

b) Paradigma Informacional (categoria gramatical): informa a natureza gramatical do termo. Apresenta-se em itálico e abreviado. Exemplo: Adjetivo – *adj.*

c) Paradigma definicional (definição): segundo Almeida (2006, p. 90) “para a elaboração da definição terminológica, parte-se da busca por contextos explicativos e definitórios no próprio corpus e também na base definicional”. Para cada obra terminográfica é fundamental considerar os tipos de definições, tomando a decisão de qual definição será usada. Dentre as fontes de consulta utilizadas, optamos quando possível, pela definição por compreensão, por ser um tipo de definição que descreve o conteúdo do conceito. Apresentando-se inicialmente por um termo genérico e em seguida as características que individualizam o termo definido.

d) Paradigma Pragmático: exemplo de emprego específico daquela área retiradas do contexto. Apresenta-se entre os sinais < >.

e) Paradigma de Forma Equivalente: apresenta-se na língua de chegada (nesse caso, em espanhol e inglês), com letra minúscula, em negrito, no singular.

f) Remissivas: podem ocorrer ou não. Representadas pela sigla TR. Remetem o usuário a outro termo relacionado ao termo do verbete.

g) Notas: É usada, quando necessário, para fornecer informações a respeito do termo no verbete.

Em seguida, apresentaremos como resultado do processo de construção da proposta de microestrutura, o glossário semitrílingue demonstrativo de termos da Audiodescrição, com vinte termos.

4. GLOSSÁRIO DEMOSTRATIVO

3.2.4- Guia de uso do Glossário

As entradas deste glossário semitrilingue estão enumeradas. Seguem a ordem alfabética organizadas na forma semasiológica, ou seja, partindo do termo para o conceito. Estão em letras maiúsculas e em negrito. Apresentam a direção português-português com equivalentes em espanhol e inglês. Os termos em português são seguidos da informação gramatical abreviada em itálico, como no exemplo: **AUDIODESCRITOR** *s.m.* Em seguida, a definição em língua portuguesa do conceito estudado, e o contexto entre os sinais < >. Em negrito, se apresentam os equivalentes nas línguas de chegada, no caso, o inglês e o espanhol, as remissivas (quando ocorrer) indicadas pela sigla TR, e as NOTAS, quando houver, com alguma informação sobre o termo.

Por fim, a inclusão de um índice remissivo nas duas línguas de chegada com o objetivo de facilitar a busca e a localização dos equivalentes no interior do glossário.

- Abreviaturas e sinais gráficos utilizados no glossário:
 - Referências gramaticais:
adj.: adjetivo
s.: substantivo
s. m.: substantivo masculino
s. f.: substantivo feminino
v. t.: verbo transitivo

➤ Equivalentes

ENG.: Inglês

ES.: Espanhol

➤ Remissivas:

TR.: termo relacionado

➤ Sinais gráficos:

[...] interrupção do texto

< > inserção de elemento (contexto)

➤ **NOTA:**

Informação referente ao termo

3.2.5- Glossário semitrílingue de termos da Audiodescrição

1) **AUDIODESCRITOR** *s.m*

Pessoa que descreve as imagens, tanto para o teatro, cinema, TV, ou outros espetáculos a fim de dar acessibilidade às pessoas com deficiência visual.

<O audiodescritor percebe a imagem de modo próprio, abstrai sua idéia e parte para a árdua tarefa de descrevê-la de modo objetivo e claro>.

Audiodescriptor - ES

Audiodescriber – ING

2) ATOR AUDIODESCRITOR *s.m.*

Ator que possui domínio da linguagem interpretativa tanto para ler o texto audiodescrito, quanto as falas dos personagens em eventos com audiodescrição ao vivo e/ou em filmes estrangeiros.

<Os atores audiodescritores realizam tanto a descrição das cenas quanto o *voice over* de todas as falas e diálogos. Normalmente, o ator audiodescritor fica responsável pelos personagens masculinos e a atriz audiodescritora pelos femininos>.

Audiodescriptor – ES

Audiodescriber – ING

TR: Audiodescritor

3) AUDIODESCRITOR LOCUTOR *s.m.*

Audiodescritor que usa as técnicas da locução para ler o texto audiodescrito, geralmente locutores profissionais.

<o audiodescritor locutor com sua entonação, timbre, clareza e alguns improvisos pode melhorar um roteiro medíocre>.

Audiodescriptor - ES

Audiodescriber – ING

TR: Audiodescritor

4) AUDIODESCRITOR NARRADOR *s.m.*

Audiodescritor que narra as falas que estão escritas no texto audiodescrito através da técnica da narração.

<A AD é um recurso de tradução audiovisual que trabalha com uma relação intersemiótica – transformando imagem em palavras – e se concretiza através da técnica de narração realizada por um audiodescritor-narrador>.

Audiodescriptor - ES

Audiodescriber – ING

TR: Audiodescritor

5) AUDIODESCRITOR ROTEIRISTA *s.m.*

Audiodescritor que escreve o texto audiodescrito a partir da descrição das imagens.

<O audiodescritor roteirista precisa de um bom conhecimento do léxico, intimidade com a elaboração de textos e técnicas de sumarização para a criação do roteiro>.

Guionista - ES

Audiodescriber – ING

TR: Audiodescritor

6) AUDIODESCRIÇÃO s.f.

Modalidade de tradução que consiste na descrição das imagens de forma clara, viva e concisa. É um recurso de acessibilidade desenvolvido para atender as necessidades de pessoas com alguma deficiência visual ou cognitiva.

<Com a audiodescrição é possível descrever gestos, movimentos, objetos, cenários, entre outros. Procuramos os detalhes, tudo o que antes passava despercebido, não só características materiais, mas o significado das coisas agora precisa ser traduzido>.

Audiodescripción – ES

Audio description- ING

NOTA: a audiodescrição pode ser feita em filme, obra de arte, peça de teatro, espetáculo de dança ou qualquer evento audiovisual.

7) AUDIODESCRIÇÃO SIMULTÂNEA s.f.

Audiodescrição ao vivo, em tempo real, simultânea ao que está sendo apresentado.

<Muitas vezes, por falta de conhecimento das pessoas, nós, audiodescritores, somos convidados para fazer a AD simultânea de um filme repentinamente, com pouco ou nenhum prazo para preparar o roteiro [...]>.

Audiodescripción simultáneo - ES

Simultaneous description – ING

TR.: Audiodescrição

NOTA: audiodescrição simultânea é realizada muitas vezes improvisada, sem preparar o roteiro.

8) AUDIODESCREVER *v.t.*

Descrever as imagens ao vivo ou gravadas a partir do roteiro audiodescrito.

<[...] encontrar a melhor maneira de se audiodescrever um evento, seja ele um filme, um espetáculo de dança, música ou peça teatral tem sido um grande desafio para audiodescritores e pessoas que necessitam deste serviço>.

Audiodescribir- ES

Audio describe – ING

9) AUTORAÇÃO *s.f.*

Processo de montagem de um DVD onde é inserido o áudio de um vídeo audiodescrito e realizada a programação dos menus com audiodescrição, entre outras como legendas e faixas de áudio.

<De posse do arquivo da legenda e do arquivo de áudio, procuramos uma produtora para que pudesse mixá-los ao filme, processo este chamado de autoriação de DVD>.

Authoring- ING

NOTA: Não se encontrou equivalência em espanhol no corpus de língua espanhola.

10) DEIXAS *s.f.*

Início e final das falas dos personagens usado como referencia para a inserção da AD.

<Depois de elaborada a lista de diálogos, começamos a preparação do roteiro que contém os seguintes elementos: tempos iniciais e finais [...], as descrições, as deixas (a última fala antes de entrar a AD) e as rubricas (as instruções para a locução)>.

Time code – ING / ES

NOTA: equivalente usado tanto no inglês quanto no espanhol. Geralmente as deixas são a última fala antes de entrar a AD.

11) ENTONAÇÃO *s.f.*

Técnica utilizada pelo audiodescritor para falar com impostação vocal o texto audiodescrito.

<o audiodescritor com sua entonação, timbre, clareza e alguns improvisos pode melhorar um roteiro medíocre>.

Entonación - ES

Intonation – ING

12) GRAVAÇÃO *s.f.*

Processo de gravar as falas do roteiro audiodescrito.

<Produção – momento da gravação das falas da audiodescrição – realizada em um estúdio devidamente projetado com tratamento acústico e isolamento de sons externos>.

Grabación - ES

Recording – ING

13) LOCUÇÃO *s.f.*

Técnica de locução utilizada pelo audiodescritor locutor.

<Mesmo se você tiver interesse em ser apenas audiodescritor locutor, não basta apenas conhecer as técnicas de locução>.

Locución - ES

Locution – ING

14) MENU ACESSÍVEL *s.m*

Menu com audiodescrição para que a pessoa com deficiência visual possa navegar no DVD de forma independentemente.

<Para atender às necessidades do público alvo, é necessária, na edição, a inclusão de um menu acessível e do título escrito em braille na capa para que a pessoa com deficiência visual possa navegar no DVD e escolher a que filme assistir>.

Menu – ES

Menu- ING

NOTA: equivalente usado tanto no inglês quanto no espanhol.

15) MIXAGEM *s.f.*

Processo de edição em que a narração descritiva gravada é misturada com o som original do filme.

<[...] este trabalho de mixagem que ocorre após a gravação do conjunto de informações sonoras, representa um estágio fundamental para a realização da audiodescrição com qualidade>.

Mezcla – ES

Mixing – ING

16) NARRAÇÃO *s.f.*

Técnica utilizada pelo audiodescritor-narrador para narrar o texto audiodescrito.

< A AD é um recurso de tradução audiovisual, que trabalha com uma relação intersemiótica – [...] – e se concretiza através da técnica de narração realizada por um audiodescritor-narrador>

Narración - ES

Narration – ING

17) ROTEIRO *s.m.*

Texto audiodescrito constituído de tempos iniciais e finais as descrições orais das cenas as e as rubricas.

<o roteiro audiodescrito dá ênfase justamente à informação fornecida pelo canal visual para que a pessoa com deficiência visual tenha a mesma experiência do vidente> .

Guión – ES

Script – ING

8) RUBRICAS *s.f*

Processo de instrução para a locução inserido no roteiro audiodescrito.

<O processo de AD segue quatro etapas: elaboração do script [...]; produção do roteiro com todas as rubricas necessárias para a gravação em estúdio e mixagem da AD e do som original do filme>.

Intruccions – ES

Instructions – ING

19) SOBREPOR *v.t.*

Fazer a locução das cenas por cima dos diálogos e/ou ruídos importante de um filme ou qualquer evento que se esteja audiodescrevendo.

<Uma norma fundamental da AD, embora subliminar, é [...] quando dizemos que a descrição das cenas nunca pode se sobrepor aos diálogos e aos ruídos importantes do filme, estamos enunciando uma norma válida e correta>.

Sobre (los)- ES

Overlap – ING

NOTAS: **sobre (los)** foi o termo de uso para sobrepor encontrado no corpus de espanhol. Sobrepor é algo que não é recomendável na audiodescrição.

20) VOICE OVER s.

Técnica de tradução que consiste na sobreposição da voz do audiodescritor à voz original do personagem, geralmente usada em audiodescrição de filmes estrangeiros.

<A audiodescrição com voice over disponibiliza um ferramental completo para a acessibilidade de pessoas com deficiência visual para qualquer produto audiovisual estrangeiro, visto que este rompe a barreira da língua>.

Voz over - ES

Voice over – ENG

4.6 Índices remissivos inglês/português e espanhol/português

Os números que acompanham os termos em cada índice remissivo, correspondem aos números dos conceitos.

- **Índice remissivo Inglês/português**

AUDIODESCRIBER – Audiodescritor.....	01
AUDIODESCRIBER – Audiodescritor narrador.....	04
AUDIODESCRIBER - Audiodescritor roteirista.....	05

AUDIODESCRIBER - Audiodescritor locutor.....	03
AUDIODESCRIBER- Ator Audiodescritor.....	02
AUDIO DESCRIBE – audiodescrever.....	08
AUDIO DESCRIPTION- audiodescrição.....	06
AUTHORING – autoração.....	09
INSTRUCTIONS – rubricas.....	18
INTONATION – entonação.....	11
LOCUTION – locução.....	13
MIXING – mixagem.....	15
MENU – menu.....	14
NARRATION – narração.....	16
OVERLAP – sobrepor.....	19
RECORDING – gravação.....	12
SIMULTANEOUS DESCRIPTION – audiodescrição simultânea.....	07
SCRIPT – roteiro.....	17
VOICE OVER - voice over.....	20
TIMDE CODE- deixas.....	10

- **Índice remissivo espanhol/português**

AUDIODESCRIPTOR – Audiodescritor.....	01
AUDIODESCRIPTOR - Audiodescritor narrador.....	04

AUDIODESCRIPTOR- Audiodescritor locutor.....	03
AUDIODESCRIPTOR - Ator Audiodescritor.....	02
AUDIODESCRIBIR – audiodescrever.....	08
AUDIODESCRIPCIÓN – audiodescrição.....	06
AUDIODESCRIPCIÓN SIMULTÂNEO – audiodescrição simultânea.....	07
ENTONACIÓN – entonação.....	11
GUIÓN – roteiro.....	17
GUIONISTA - Audiodescritor roteirista.....	05
GRABACIÓN – gravação.....	12
INTRUCCIONES – rubricas.....	18
LOCUCIÓN – locução.....	13
MEZCLA – mixagem.....	15
MENU – menu.....	14
NARRACIÓN – narração.....	16
VOZ OVER - voice over.....	20
TIME CODE- deixas.....	10
SOBRE (LOS)- sobrepor.....	19

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A audiodescrição é uma modalidade de tradução audiovisual intersemiótica que torna materiais audiovisuais acessíveis a pessoas com deficiência visual. A AD já é uma realidade no Brasil, e tem sido pesquisada por estudiosos da tradução. Sendo assim, a proposta de criar uma microestrutura para a elaboração de um glossário de unidades terminológicas a serem usados na AD é relevante para a consolidação da AD como ciência.

Dessa forma, ao iniciarmos essa dissertação, tínhamos como objetivo desenvolver uma microestrutura para um glossário semitrílingue de termos da AD direcionado à pesquisadores, profissionais e interessados em AD no Brasil. Para isso, decidimos pesquisar se havia algum trabalho referente à organização dos termos da AD em glossários. Porém não encontramos nenhum.

Desenvolver critérios para a elaboração dessa proposta de microestrutura passou a ser, então, a meta desta pesquisa. Assim, partindo das prescrições teóricas da TCT, quanto à organização de glossários e à microestrutura, construímos um corpus a partir de textos especializados sobre a AD. Foi através desse corpus que extraímos os termos e os contextos de uso. A fase de maior dificuldade foi a metodológica, por ser bem detalhada e bastante relevante para a pesquisa.

O trabalho desenvolvido nos possibilitou responder as seguintes perguntas feitas na introdução desta pesquisa: 1) a elaboração de um glossário servirá para a sistematização do conhecimento na área? 2) Que critérios adotar para a elaboração da microestrutura de um glossário semitrílingue de termos da audiodescrição? 3) Quais os elementos que servirão para a confecção de um glossário na área da AD?

Através desta pesquisa, concluímos que a elaboração de um glossário é realmente útil e relevante para a sistematização dos termos da AD, pois é a partir desse glossário que os termos vão ser “carimbados” com significados específicos, ou seja, um significado adequado para o uso de cada termo. Já quanto aos critérios adotados na microestrutura, observamos que três foram indispensáveis: a escolha dos termos, a organização das fichas terminológicas e a organização da microestrutura. Na escolha dos termos, foi importante o uso do programa *Word Smith Tools*, para que pudéssemos obter os termos mais frequentes, bem como sua organização em uma árvore de domínio.

O outro critério também relevante foi a organização das fichas terminológicas, as quais foram organizadas com dados retirados do corpus. Foi uma etapa fundamental para a constituição da microestrutura. No último critério adotamos uma microestrutura e escolhemos os elementos que a constituíram. Finalizamos com o preenchimento dessa microestrutura, resultando no glossário.

É relevante pontuar que este trabalho, até então, é um dos pioneiros a oferecer contribuições para os estudos em Audiodescrição e Terminologia, embora essas contribuições tenham sido pequena. Todavia, esperamos que essa dissertação possa contribuir positivamente para o surgimento de pesquisas que venham ampliar e fortalecer o elo entre essas duas áreas de estudo. Dessa forma, propomos que futuras pesquisas sobre este assunto sejam realizadas, a fim de obtermos maiores contribuições para o estudo da AD no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. M. de B. **A Teoria Comunicativa da Terminologia e a sua prática.** In: **Alfa**, São Paulo, 50 (2), p. 85-101, 2006.

ANJOS, E. D. dos, **Glossário terminológico ilustrado de movimentos e golpes da capoeira: um estudo término-lingüístico.** 2006. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

ANDERMAN, G.; DÍAZ CINTAS, J. **Audiovisual translation: language transfer on screen.** Basingstoke; New York: Palgrave MacMillan, 2009.

AUBERT, F.H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue.** São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1996. (Cadernos de Terminologia, 2).

BACELLAR, F. **Elementos para a Elaboração de um Dicionário Terminológico Bilingue em Ciências Agrárias.** Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002.

BALLESTER, A. **Directores en La sombra: personajes y su caracterización en el guión audiodescrito de Todo sobre mi madre.** In: JIMÉNEZ-HURTADO, C. **Traducción y acessibilidade.** Subtitulación para sordos y audiodescrición para ciegos: nuevas modalidades de TAV. Frankfurt: Peter Lang, 2007, p. 133-152.

BARBOSA, M. A. **Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: identidade científica, o objeto, métodos e campos de atuação.** II Simpósio Latino-Americano de Terminologia, Brasília, 1990, p. 152-153.

BARBOSA, M. A. **Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas.** **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n.3, set / dez 1995.

BARROS, L. de A. **Curso básico de terminologia** . São Paulo: USP, 2004.

BARROS, L. A. **Aspectos epistemológicos e perspectivas científicas da terminologia.** *Ciência e Cultura*. v. 58, n. 2, São Paulo, Abr/Jun 2006. p. 22-26.

BENECKE, Bernd. Audio-Description. *Meta*, Montréal, v.49, n.1, p.78-80, avril 2004.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus:** Histórico e Problemática. *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, N.º 2, 2000, p. 323-367.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus.** Barueri: Manole, 2004.

BERBER SARDINHA. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

BIDERMAN, M. T. C. **O dicionário como norma na sociedade.** In: Anais do 1º Encontro Nacional do GT Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL, 22-24 de abril de 1995, UFRJ, Rio de Janeiro, p. 161-180.

BOURNE, J.; HURTADO, C. J. **From the visual to the verbal in two languages:** a contrastive analysis of the audio description of *The Hours* in English and Spanish. In: DÍAZ CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (ed.). **Media for all:** subtitling for the deaf, audio description, and sign language. Amsterdam: Rodopi, 2007. p.175-187.

BRAGA, K. B. **Cinema acessível para pessoas com deficiência visual:** a audiodescrição de *O Grão de Petrus Cariry*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, 2011, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

CABRÉ, M, T. **Terminology : theory, methods, and applications.** Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 1999.

CAMPOS, R. **O Signo da Cidade:** 1ª sessão da história do cinema nacional em que surdos e cegos assistiram a um filme do circuito comercial em sua estréia no cinema. In: MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (orgs). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, p. 129-137.

CARVALHO, L. S. Lexicografia bilíngue Português-alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições. Brasília: Thesaurus, 2001.

CASADO, A. B. **La audiodescripción: apuntes sobre el estado de la cuestión y las perspectivas de investigación.** In: **TRADTERM**, número 13, 2007, 151-169.

CAVALCANTI, A. M. B. Proposta de microestrutura para Dicionário Terminológico Bilíngüe Português-Inglês para Tradutores. 2000. Dissertação (Mestrado em Lingüística). – Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2000.

COLLAÇO, T. W. G. G. **Microestrutura para um Glossário Bilíngue de Termos Jurídico-Comerciais de Contratos Internacionais.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, 2008, Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2008.

DE COSTER, K.; MÜHLEIS, V. **Intersensorial translation:** visual art made up by words. In: CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (ed.) **Media for all**, Amsterdam – New York, v. 30, p.189-202, 2007.

DÍAZ CINTAS, J. **Audiovisual translation today:** a question of accessibility for all. **Translating Today.** London, n. 4, p. 3-5, July, 2005.

DIAZ CINTAS, J. E REMAEL, A. **Audiovisual translation: subtitling.** Manchester: St. Jerome Publishing Company, 2007.

DÍAZ CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (ed.). **Media for all: subtitling for the deaf, audio description, and sign language.** Amsterdam: Rodopi, 2007.

DIAZ CINTAS, J. **New Trends in Audiovisual Translation.** Bristol, Multilingual Matters, 2009.

DIAZ CINTAS, J; MATAMALA, A; NEVES, J. **New Insights Into Audiovisual Translation and Media Accessibility.** Amsterdam and New York, Rodopi, 2010.

FARIAS, E. M. P. **A linguagem da moda no Português Contemporâneo.** Tese (doutorado em Letras) – Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

FAULSTICH, L. J. **Socioterminología**: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 3, 1993.

FRANCO, E. P. C. **Em busca de um modelo de acessibilidade audiovisual para cegos no Brasil**: um projeto piloto. In: **TRADTERM**, v. 13, 2007, p. 171-185.

FUERTES, J. L.; MARTÍNEZ, L. **Media accessibility standards in Spain**. **Translation Watch Quarterly**, Melbourne, v. 3, n. 2, p.61-77, June 2007.

GARCÍA, L. C.; ADAMS, H.; RUIZ, V. M. G. **Del marco ideal para la formación de los futuros subtituladores y audiodescriptores**. In: JIMÉNEZ-HURTADO, C.; DOMÍNGUEZ, A. R. (ed.). **Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad – AMADIS' 07**. Madrid: Real Patronato sobre Discapacidad, 2008, p.165-171.

HERNÁNDEZ-BARTOLOMÉ, A. I.; MENDILUCE-CABRERA, G. **Audio description**: translating images into words for the Spanish visually impaired people. **Meta**, Montréal, v.49, n.2, p.264-277, jun 2004.

HOLLAND, A. **Audio description in the theatre and the visual arts**: images into words. ANDERMAN, G.; DÍAZ CINTAS, J. **Audiovisual translation**: language transfer on screen. Basingstoke; New York: Palgrave MacMillan, 2009, 170-185.

HUMBLÉ, P. 2001. **Dictionary and language learners**. Frankfurt am Main: Haag und Herchen.

HYKS, V. **Audio description and translation**: two related but different skills. **Translating Today**, London, n. 4, p.6-8, July 2005.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.

JIMÉNEZ-HURTADO, C. Una gramática local del guión audiodescrito. Desde la semántica a la pragmática de nuevo tipo de traducción. In: JIMÉNEZ-HURTADO, C. **Traducción y accesibilidad: subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual**. Amsterdã: Peter Lang, 2007, p. 55-80.

JIMÉNEZ-HURTADO, C. **Traducción y accesibilidad: subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual.** Amsterdã: Peter Lang, 2007.

JIMÉNEZ-HURTADO, C.; DOMÍNGUEZ, A. R. (ed.). **Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad – AMADIS’ 07.** Madrid: Real Patronato sobre Discapacidad, 2008.

KRIEGER, M. da G. & FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2004.

MARTÍN, F. P.; CRESPO, A. G.; POZO, I. Q. **Entorno de trabajo colaborativo para la audiodescripción de material audiovisual.** In: HURTADO, C. J.; DOMÍNGUEZ, A. R. (ed.). **Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad – AMADIS’ 07.** Madrid: Real Patronato sobre Discapacidad, 2008, p. 115-121.

MATAMALA, A. **Live audio description in Catalonia. Translating Today,** London, n. 4, p.9-11, July 2005.

MATAMALA, A.; ORERO, P. **Accessible opera in Catalan: opera for all.** In: DÍAZ CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (ed.). **Media for all: subtitling for the deaf, audio description, and sign language.** Amsterdam: Rodopi, 2007. p.201-213.

MATAMALA, A. **Audio description in Catalonia. Translation Watch Quarterly,** Melbourne, v. 3, n. 2, p.37-47, June 2007b.

MATAMALA, A. **La audiodescripción en directo.** In: JIMÉNEZ-HURTADO, J. (ed.). **Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción Audiovisual.** Frankfurt Main: Peter Lang, 2007a, p. 121- 132.

MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (org). **Audiodescrição : transformando imagens em palavras.** São Paulo : Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo , 2010.

MOTTA, L. M. V. M. **A Audiodescrição vai à ópera.** In: MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (org). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, p. 67-82.

NAKAMOTO, K. **Monolingual or bilingual, that is not the question:** the “bilingualised” dictionary. *Kernerman Dictionary News*, Tel-Aviv, v.2, jan. 1995.

OLIVEIRA JUNIOR, J. N. **Ouvindo Imagens: a audiodescrição de obras de Aldemir Martins.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Lingüística Aplicada, 2011, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2011.

ORERO, P. **Teaching audiovisual accessibility.** *Translating Today*, London, n.4, p.12-15, July 2005a.

ORERO, P. **La inclusión de la accesibilidad en comunicación audiovisual dentro de los estudios de traducción audiovisual.** *Quaderns: revista de traducció*, Barcelona, n.12, p. 173-185, 2005b.

ORERO, P. **Audio description: professional recognition, practice and standards in Spain.** *Translation Watch Quarterly*, Melbourne, v. 1, p.7-18, Dec.2005c.

PARKER, J. & STAHEL, M. **Password:** English dictionary for speakers of Portuguese. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PAYÁ, P. M. **La audiodescripción: traduciendo el lenguaje de las cámaras.** In: JIMÉNEZ-HURTADO, C. **Traducción y acessibilidade.** Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de TAV. Frankfurt: Peter Lang, 2007a, 81-91.

PAÍA, M. P. **Guión cinematográfico y guión audiodescriptivo:** un viaje de ida y vuelta. Universidad de Granada, Programa Interuniversitario de Doctorado, 2007b.

PONTES, Antônio Luciano. **Os termos da cultura e industrialização do caju.** Tese (Doutorado em Lingüística) – UNESP, 1996.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se ler.** Fortaleza, Eduece, 2009.

POSADAS, G. R. **Webinarios: aprender a audiodescribir.** In: JIMÉNEZ-HURTADO, C. J.; DOMÍNGUEZ, A. R. (ed.). *Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad – AMADIS’ 07.* Madrid: Real Patronato sobre Discapacidad, 2008, p.182-193.

PUJOL, J.; ORERO, P. **Audio description precursors: ekphrasis and narrators.** *Translation Watch Quarterly*, Melbourne, v. 3, n. 2, p.49-60, June 2007.

SALWAY, A. **A corpus-based analysis of audio description.** In: DÍAZ CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (ed.). *Media for all: subtitling for the deaf, audio description, and sign language.* Amsterdam: Rodopi, 2007. p.151-173.

SANTANA, M. **A primeira audiodescrição na propaganda da TV brasileira: Natura Naturé um banho de acessibilidade.** In: MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (org). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras.** São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, p. 117-128.

SANTIAGO, M. S. **Redes de palavras-chaves para artigos de divulgação científica da Medicina: Uma proposta à luz da Terminologia.** Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Lingüística Aplicada, 2007, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: UNISINOS, 2007.

SANTOS, A. R. **Diálogos entre arte e público.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, v.3, 2010.

SCHMITZ, J. R. A Problemática dos Dicionários Bilingües. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. & ISQUERDO, A. N. (Orgs.) **As Ciências do Léxico: Lexicologia, lexicografia e Terminologia.** Campo Grande. Ed: UFMS, 2001, p. 161-170.

SILVA, M. C. C. C. da. **Com os olhos do coração: estudo acerca da audiodescrição de desenhos animados para o público infantil.** Dissertação de Mestrado não publicada. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SNYDER, J. **The visual made verbal across arts disciplines** – across the globe. **Translating Today Magazine**. Volume 4, Julho de 2005.

SNYDER, J. **Audio description: The visual made verbal**. In: DIAZ CINTAS, J. **The Didactics of Audiovisual Translation**. Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, 2008, p. 193-198.

TRANSLATING TODAY MAGAZINE. Volume 4, Julho de 2005.

VALDÉS, M. H. **Preferencias de los usuarios discapacitados visuales y auditivos y público em general frente al cine y la televisión**. In: JIMÉNEZ-HURTADO, C.; DOMÍNGUEZ, A. R. (ed.). **Accesibilidad a los medios audiovisuales para personas con discapacidad – AMADIS' 07**. Madrid: Real Patronato sobre Discapacidad, 2008, p.149-162.

WELKER, A. H. **Uma pequena introdução à Lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. Araraquara, 253 p. Tese de Doutorado. Letras: Lingüística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras - Universidade Estadual Paulista, 1998.

FONTE

DÍAZ CINTAS, J.; ORERO, P.; REMAEL, A. (ed.). **Media for all: subtitling for the deaf, audio description, and sign language.** Amsterdam: Rodopi, 2007

FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V. S. (org) **TradTerm** (Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia), vol. 13, São Paulo: Humanidades (FFLCH-USP), 2007.

MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (org). **Audiodescrição : transformando imagens em palavras.** São Paulo : Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo , 2010. p. 23-42.

JIMÉNEZ-HURTADO, C. **Traducción y accesibilidad:** subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual. Amsterdã: Peter Lang, 2007.

MAGALHÃES, C; ARAÚJO, V. S. **Metodologia para elaboração de audiodescrições para museus baseada na semiótica social e multimodalidade:** introdução teoria e prática (no prelo).

MATAMALA, A. **Teaching voice-over:** A practical approach. In: DIAZ CINTAS, J. **The Didactics of Audiovisual Translation.** Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, 2008, p. 115-137.

PAYÁ, M. P. **Guión cinematográfico y guión audiodescriptivo:** un viaje de ida y vuelta. Universidad de Granada, Programa Interuniversitario de Doctorado, 2007b.

SNYDER, J. **Audio description:** The visual made verbal. In: DIAZ CINTAS, J. **The Didactics of Audiovisual Translation.** Amsterdam and Philadelphia, John Benjamins, 2008, p. 193-198.

ANEXOS

ANEXO A: Fichas Terminológicas

FICHA TERMINOLÓGICA	
FICHA:	1
TERMO ENTRADA:	AUDIODESCRITOR NARRADOR
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s. m.
CONTEXTO (1):	"Baseado num roteiro, o audiodescritor-narrador descreve com o máximo de detalhes e sem julgamento tudo que acontece nas cenas de uma obra audiovisual."
CONTEXTO (2):	"[...] o audiodescritor-narrador grava suas falas, acompanhando o filme por um monitor de vídeo e com o som original transmitido para o seu fone de ouvido."
CONTEXTO (3):	"A AD é um recurso de tradução audiovisual, que trabalha com uma relação intersemiótica – transformando imagem em palavras – e se concretiza através da técnica de narração realizada por um audiodescritor-narrador".
DEFINIÇÃO:	Audiodescritor que narra as falas que estão escritas no texto audiodescrito através da técnica da narração.
SUBDOMÍNIO:	Audiodescritor
EQUIVALENTE (Espanhol):	Audiodescriptor
EQUIVALENTE (Inglês):	Audiodescriber

FICHA TERMINOLÓGICA	
FICHA:	2
TERMO ENTRADA:	AUDIODESCRITOR ROTEIRISTA
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s. m.
CONTEXTO (1):	"Já o audiodescritor roteirista precisa de um bom conhecimento do léxico, intimidade com a elaboração de textos e técnicas de sumarização para a criação do roteiro".
CONTEXTO (2):	"Esses dois levantamentos iniciais são importantíssimos para que o audiodescritor-roteirista possa definir melhor, o que e como descrever em determinada cena de um filme ou de uma propaganda"
CONTEXTO (3):	"O roteiro de audiodescrição [...] é feito a partir da lista de diálogos do filme, previamente traduzida para o português. [...] essa tradução é feita para a legendagem e é essa mesma tradução que o audiodescritor roteirista utiliza"
DEFINIÇÃO:	Audiodescritor que escreve o texto audiodescrito a partir da descrição das imagens.
SUBDOMÍNIO:	Audiodescritor
EQUIVALENTE (Espanhol):	Guionista
EQUIVALENTE (Inglês):	Audiodescriber



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	3
TERMO ENTRADA:	ATOR AUDIODESCRITOR
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s. m.
CONTEXTO (1):	É AD Ao Vivo- Roteirizada se o audiodescritor-ator, [...] estiver narrando, ao vivo, durante a exibição de um filme em película, no caso das salas de cinema, ou de um espetáculo teatral, de dança, uma exposição, ou outras manifestações audiovisuais”.
CONTEXTO (2):	“[...] importante para o ator audiodescritor que realiza o voice over em filmes estrangeiros é a familiaridade com línguas estrangeiras, pois muitas vezes os personagens citam nomes próprios, lugares ou expressões que permanecem na língua original”.
CONTEXTO (3):	“Os atores audiodescritores realizam tanto a descrição das cenas quanto o voice over de todas as falas e diálogos. Normalmente, o ator audiodescritor fica responsável pelos personagens masculinos e a atriz audiodescritora pelos femininos”.
DEFINIÇÃO:	Ator que possui domínio da linguagem interpretativa tanto para ler o texto audiodescrito, quanto as falas dos personagens em eventos com audiodescrição ao vivo e/ou em filmes estrangeiros.
SUBDOMÍNIO:	Audiodescritor
EQUIVALENTE (Espanhol):	Audiodescriptor
EQUIVALENTE (Inglês):	Audiodescriber



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	4
TERMO ENTRADA:	AUDIODESCRITOR LOCUTOR
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.m.
CONTEXTO (1):	“O audiodescritor locutor precisa ter impostação vocal, clareza, entonação e adequação da voz com o gênero de espetáculo”.
CONTEXTO (2):	“o audiodescritor locutor com sua entonação, timbre, clareza e alguns improvisos pode melhorar um roteiro medíocre”.
CONTEXTO (3):	“Tanto Benecke (2007) como Snyder (2004) apontam para a importância da transmissão (delivery) da audiodescrição pelo audiodescritor locutor [...]”
DEFINIÇÃO:	Audiodescritor que usa as técnicas da locução para ler o texto audiodescrito, geralmente, locutores profissionais.
SUBDOMÍNIO:	Audiodescritor
EQUIVALENTE (Espanhol):	Audiodescriptor
EQUIVALENTE (Inglês):	Audiodescriber



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	5
TERMO ENTRADA:	NARRAÇÃO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	"A AD é um recurso de tradução audiovisual, que trabalha com uma relação intersemiótica – [...] – e se concretiza através da técnica de narração realizada por um audiodescritor-narrador".
CONTEXTO (2):	"já apresentei para grupos de jovens e adultos cegos alguns dos documentários da série Assim Vivemos, [...] nos quais se destacam a qualidade da narração e o profissionalismo dos audiodescritores".
CONTEXTO (3):	"É consenso que o tom da narração deve ser neutro. [...] que ele deve ser expressivo. [...] A participação do narrador, por meio de uma narração mais interpretativa, foi considerada fundamental pelas crianças".
DEFINIÇÃO:	Técnica utilizada pelo audiodescritor-narrador para narrar o texto audiodescrito.
SUBDOMÍNIO:	Técnica
EQUIVALENTE (Espanhol):	Narración
EQUIVALENTE (Inglês):	Narration



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	5
TERMO ENTRADA:	VOICE OVER
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s
CONTEXTO (1):	"[...] quando o audiodescritor está fazendo voice over, usa seu conhecimento de atuação para "entrar e sair" dos personagens, anulando a sua personalidade e maneira de falar própria para dar lugar às formas de expressão vocal dos personagens".
CONTEXTO (2):	"A audiodescrição com voice over disponibiliza um ferramental completo para a acessibilidade de pessoas com deficiência visual para qualquer produto audiovisual estrangeiro, visto que este rompe a barreira da língua".
CONTEXTO (3):	"Os atores audiodescritores realizam tanto a descrição das cenas quanto o voice over de todas as falas e diálogos. Esse trabalho é feito ao vivo e transmitido via fones de ouvido para cada usuário".
DEFINIÇÃO:	Técnica de tradução que consiste na sobreposição da voz do audiodescritor à voz original do personagem, geralmente usada em audiodescrição de filmes estrangeiros.
SUBDOMÍNIO:	Técnica
EQUIVALENTE (Espanhol):	Voice over
EQUIVALENTE (Inglês):	Voice over



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	L
TERMO ENTRADA:	LOCUÇÃO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	"Muitas vezes, o roteiro está bem elaborado, mas a locução sem vida (do audiodescritor locutor) faz com que ele perca a qualidade".
CONTEXTO (2):	"Mesmo se você tiver interesse em ser apenas audiodescritor locutor, não basta apenas conhecer as técnicas de locução".
CONTEXTO (3):	"Embora para a criação de um roteiro e locução de um produto audiodescrito seja necessário um conjunto de regras a serem seguidas em âmbito geral, não há dúvidas de que cada meio artístico tem suas especificidades".
DEFINIÇÃO:	Técnica de locução utilizada pelo audiodescritor locutor.
SUBDOMÍNIO:	Técnica
EQUIVALENTE (Espanhol):	Locución
EQUIVALENTE (Inglês):	Locution



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	L
TERMO ENTRADA:	ENTONAÇÃO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	"Se a AD tiver a entonação de uma típica gravação de números isolados, em que não há relação de entonação entre eles, não haverá modo de o espectador aderir à emoção do filme".
CONTEXTO (2):	"[...] o audiodescritor com sua entonação, timbre, clareza e alguns improvisos pode melhorar um roteiro medíocre".
CONTEXTO (3):	"No discurso direto, o audiodescritor fala como se fosse o personagem e no indireto ele fala sobre o personagem, o que, certamente, influi na sua entonação e interpretação".
DEFINIÇÃO:	Técnica utilizada pelo audiodescritor para falar com impostação vocal o texto audiodescrito.
SUBDOMÍNIO:	Técnica
EQUIVALENTE (Espanhol):	Entonación
EQUIVALENTE (Inglês):	Intonation



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	9
TERMO ENTRADA:	ROTEIRO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.m.
CONTEXTO (1):	“O Roteiro de audiodescrição é a nossa terceira etapa. Aqui definimos e criamos o conteúdo descritivo do filme, o texto da audiodescrição, cena por cena, de acordo com as informações que apuramos e a marcação [...]”.
CONTEXTO (2):	“[...] o roteiro audiodescrito dá ênfase justamente à informação fornecida pelo canal visual para que a pessoa com deficiência visual tenha a mesma experiência do vidente”.
CONTEXTO (3):	“O roteiro propriamente dito para a audiodescrição inclui as ações, entrada e saída em cena, o posicionamento dos personagens no palco, seus movimentos, expressões fisionômicas, gestos, efeitos de iluminação e a leitura das legendas”.
DEFINIÇÃO:	Texto audiodescrito constituído de tempos iniciais e finais (onde serão inseridas a AD), as descrições orais das cenas, as deixas (a última fala antes de entrar a AD) e as rubricas (as instruções para a locução).
SUBDOMÍNIO:	Produção
EQUIVALENTE (Espanhol):	Guión
EQUIVALENTE (Inglês):	Script



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	10
TERMO ENTRADA:	GRAVAÇÃO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	“Produção – momento da gravação das falas da audiodescrição – realizada em um estúdio devidamente projetado com tratamento acústico e isolamento de sons externos”.
CONTEXTO (2):	“Depois de preparar e revisar os roteiros, a equipe de audiodescrição foi para um estúdio de gravação profissional”.
CONTEXTO (3):	“O processo de gravação representava o maior obstáculo, primeiramente porque tínhamos de pagar um estúdio, e segundo porque não tínhamos a menor experiência na leitura dramática da audiodescrição, dentro do timing imposto pelo filme”.
DEFINIÇÃO:	Processo de gravar as falas do roteiro audiodescrito.
SUBDOMÍNIO:	Produção
EQUIVALENTE (Espanhol):	Grabación
EQUIVALENTE (Inglês):	Recording



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	11
TERMO ENTRADA:	AUDIODESCREVER
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	v.t.
CONTEXTO (1):	"Audiodescrever uma peça de teatro realmente exige domínio do roteiro, conhecimento profundo sobre a obra e agilidade para inserir mais algumas ações, gestos e expressões que podem acontecer de improviso no palco".
CONTEXTO (2):	"É fantástica a sensação de entrar na cabine, sentar à frente do microfone e audiodescrever as cenas, ouvir os depoimentos após o término da peça, participar das discussões sobre as cenas".
CONTEXTO (3):	"[...] encontrar a melhor maneira de se audiodescrever um evento, seja ele um filme, um espetáculo de dança, música ou peça teatral tem sido um grande desafio para audiodescritores e pessoas que necessitam deste serviço".
DEFINIÇÃO:	Descrever as imagens, ao vivo ou gravada, a partir do roteiro audiodescrito.
SUBDOMÍNIO:	Produção
EQUIVALENTE (Espanhol):	Audiodescribir
EQUIVALENTE (Inglês):	Audio describe



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	12
TERMO ENTRADA:	AUDIODESCRITOR
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.m.
CONTEXTO (1):	"o audiodescritor percebe a imagem de modo próprio, abstrai sua idéia e parte para a árdua tarefa de descrevê-la de modo objetivo e claro".
CONTEXTO (2):	"[...]a maneira de cada audiodescritor descrever a cena era diferente e era bom assistir ao mesmo filme com diferentes pessoas audiodescrevendo, ou mesmo comigo, em outra versão".
CONTEXTO (3):	
DEFINIÇÃO:	Pessoa que descrever as imagens, tanto para o teatro, o cinema, a TV, ou outros espetáculos a fim de dar acessibilidade as pessoas com deficiência visual.
SUBDOMÍNIO:	Audiodescritor
EQUIVALENTE (Espanhol):	Audiodescribir
EQUIVALENTE (Inglês):	Audio describe



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	13
TERMO ENTRADA:	MIXAGEM
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	"A busca das emissoras de tevê pelas empresas de dublagem deve-se ao fato de as dubladoras terem profissionais da locução altamente qualificados e equipamentos sofisticados que garantirão a qualidade do produto, englobando, em um mesmo pacote, a narra".
CONTEXTO (2):	"Dessa forma, este trabalho de mixagem que ocorre após a gravação do conjunto de informações sonoras, representa um estágio fundamental para a realização da audiodescrição com qualidade".
CONTEXTO (3):	"Tratamento, Mixagem e Finalização são os trabalhos que constituem a última etapa do processo de produção de uma audiodescrição".
DEFINIÇÃO:	Processo de edição em que a narração descritiva gravada é misturada com o som original do filme.
SUBDOMÍNIO:	Edição
EQUIVALENTE (Espanhol):	Mezcla
EQUIVALENTE (Inglês):	Mixing



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	14
TERMO ENTRADA:	TOM DE VOZ
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.m.
CONTEXTO (1):	'No caso do voice over, o tom deve ser um pouco mais carregado de intenções; porém como explicado anteriormente, este deve acompanhar o tom de voz original e não se transformar no personagem.
CONTEXTO (2):	"O ponto de equilíbrio da cadência e do tom da voz da AD sem dúvida é delicado, e sua busca deve ser pautada pela exigência de neutralidade, porém, necessariamente imbuída da atmosfera da cena".
CONTEXTO (3):	"É preciso sensibilidade para encontrar o vocabulário adequado e o tom de voz ideal para que a audiodescrição seja totalmente integrada ao filme".
DEFINIÇÃO:	Técnica de voz utilizada na audiodescrição, o tom da voz deve ser neutro, discreto e agradável.
SUBDOMÍNIO:	Técnica
EQUIVALENTE (Espanhol):	Tono
EQUIVALENTE (Inglês):	Tone



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	15
TERMO ENTRADA:	RUBRICAS
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	“Depois de elaborada a lista de diálogos, começamos a preparação do roteiro que contém os seguintes elementos: tempos iniciais e finais [...], as descrições, as deixas (a última fala antes de entrar a AD) e as rubricas (as instruções para a locução)”.
CONTEXTO (2):	“O processo de AD segue quatro etapas: elaboração do script [...]; produção do roteiro com todas as rubricas necessárias para a gravação em estúdio e mixagem da AD e do som original do filme”.
CONTEXTO (3):	“As informações e rubricas do diretor não são, geralmente, conhecidas pelo grande público; entretanto, para o audiodescritor é fundamental entender a leitura que o diretor faz da obra e como ele pretende passar isso para a plateia [...]”.
DEFINIÇÃO:	Processo de instrução para a locução inserido no roteiro audiodescrito.
SUBDOMÍNIO:	Produção
EQUIVALENTE (Espanhol):	Intrucción
EQUIVALENTE (Inglês):	Instructions



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	16
TERMO ENTRADA:	AUDIODESCRIÇÃO SIMULTÂNEA
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	“Esforçar-nos para sermos objetivos ou tentar não fazer a narração de forma subjetiva, numa sessão de audiodescrição simultânea improvisada, é muito difícil, pois a subjetividade está intrínseca ao estabelecimento de nossos juízos sobre todas as coisas”.
CONTEXTO (2):	“Muitas vezes, por falta de conhecimento das pessoas, nós, audiodescritores, somos convidados para fazer a AD simultânea de um filme repentinamente, com pouco ou nenhum prazo para preparar o roteiro [...]”.
CONTEXTO (3):	“Deve-se considerar um terceiro tipo de Audiodescrição, a AD Simultânea, que consiste na narração em tempo real, simultânea ao que está sendo apresentado, porém sem um roteiro elaborado anteriormente”.
DEFINIÇÃO:	Audiodescrição ao vivo, em tempo real, simultânea ao que está sendo apresentado (muitas vezes improvisada, sem preparar o roteiro).
SUBDOMÍNIO:	Técnica
EQUIVALENTE (Espanhol):	Audiodescripción simultáneo
EQUIVALENTE (Inglês):	simultaneous description



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	17
TERMO ENTRADA:	Sobrepor
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	v. t.
CONTEXTO (1):	“Uma norma fundamental da AD, embora subliminar, é [...] quando dizemos que a descrição das cenas nunca pode se sobrepor aos diálogos e aos ruídos importantes do filme, estamos enunciando uma norma válida e correta”.
CONTEXTO (2):	“ [...]encontrar a melhor maneira de descrever um fato, em que momento, com mais ou menos interpretação, ser ou não sucinto, quando sobrepor uma fala ou música, são questões ainda bastante discutidas”.
CONTEXTO (3):	“A audiodescrição está presente durante todo o espetáculo, mesmo contrariando um dos princípios da audiodescrição de, preferencialmente, não sobrepor a audiodescrição aos diálogos e, nesse caso, à
DEFINIÇÃO:	Fazer a locução das cenas por cima dos diálogos e/ou ruídos importante de um filme ou qualquer evento que se esteja audiodescrevendo (o que não é recomendável na audiodescrição).
SUBDOMÍNIO:	produção
EQUIVALENTE (Espanhol):	
EQUIVALENTE (Inglês):	Overlap



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	18
TERMO ENTRADA:	AUTORAÇÃO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	“De posse do arquivo da legenda e do arquivo de áudio, procuramos uma produtora para que pudesse mixá-los ao filme, processo este chamado de autoração de DVD”.
CONTEXTO (2):	“Enfim, muito a contragosto, fugiu da nossa alçada trabalhar esses aspectos, posto que não tínhamos prática nem acesso ao programa utilizado pela produtora responsável pela autoração do DVD”.
CONTEXTO (3):	“Essa divisão viria a complicar nossa vida na hora da autoração do DVD, pois como havia dois arquivos de vídeo distintos, o tempo referente à legendagem também ficou dividido, ou seja, não houve a sequência
DEFINIÇÃO:	Processo de montagem de um DVD onde é inserido o áudio de um vídeo audiodescrito e realizada a programação dos menus com audiodescrição, entre outros como legendas e faixas de áudio.
SUBDOMÍNIO:	Edição
EQUIVALENTE (Espanhol):	Creación
EQUIVALENTE (Inglês):	Authoring



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	19
TERMO ENTRADA:	PRODUÇÃO AUDIOVISUAL
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	“A AD de filme deve ter inserções, prioritariamente, entre as falas de uma produção audiovisual, observando a descrição de elementos Visuais verbais [...] e não verbais”.
CONTEXTO (2):	“Porém, mais relevante do que o número de pessoas beneficiadas é a oportunidade de uma inclusão real daqueles que, sem ela, continuariam impedidos de ter acesso ao universo da produção audiovisual”.
CONTEXTO (3):	“Espanha, Alemanha, Canadá e outros países, também já adotaram a AD em sua produção audiovisual e programações televisivas”.
DEFINIÇÃO:	Produção e veiculação das imagens através de todos os meios de comunicação audiovisual seja televisão, cinema, vídeos, teatro, museus, entre outros.
SUBDOMÍNIO:	Produção
EQUIVALENTE (Espanhol):	Producción audiovisual
EQUIVALENTE (Inglês):	Audiovisual production



FICHA TERMINOLÓGICA

FICHA:	20
TERMO ENTRADA:	AUDIODESCRIÇÃO
INFORMAÇÃO GRAMATICAL:	s.f.
CONTEXTO (1):	“ Com a audiodescrição é possível descrever gestos, movimentos, objetos, cenários, entre outros. Procuramos os detalhes, tudo o que antes passava despercebido, não só características materiais, mas o significado das coisas agora precisa ser traduzido”.
CONTEXTO (2):	“A audiodescrição é muito importante porque evita que fiquemos imaginando muito, que nos sintamos ansiosos sobre o que está acontecendo [...] Assim, a audiodescrição nos estimula, nos faz
CONTEXTO (3):	“[...] encontramos uma narrativa tímida sobre os princípios da audiodescrição, que viabilizará a acessibilidade dos cidadãos cegos e deficientes visuais ao meio televisivo”.
DEFINIÇÃO:	Modalidade de tradução que consiste na descrição das imagens (filme, obra de arte, peça de teatro, espetáculo de dança ou qualquer evento audiovisual), de forma clara, viva e concisa.
SUBDOMÍNIO:	AUDIODESCRIÇÃO
EQUIVALENTE (Espanhol):	AUDIODESCRIPCIÓN
EQUIVALENTE (Inglês):	AUDIO DESCRIPTION

ANEXO B: Lista de termos do corpus

KEY WORD	FREQUENCIA
AUDIODESCRIÇÃO	622
DEFICIÊNCIA	373
VISUAL	275
ACESSIBILIDADE	217
PESSOAS	396
AUDIODESCRITORES	105
FILME	280
AUDIOVISUAL	106
CEGOS	97
TELEVISÃO	132
AUDIODESCRITOR	72
RECURSO	125
VIVO	108
PORTARIA	64
ROTEIRO	85
VISUAIS	70
AUDIO	44
ESPETACULO	78
TEATRO	101
ACESSO	114
ASSISTIR	61
INCLUSÃO	71
DISPONIVEL	84
ÓPERA	66

AUDIO	37
DECRETO	51
COMUNICAÇÃO	60
DEFICIENTES	48
CINEMA	127
TV	69
DESCRIÇÃO	82
MULTIMODALIDADE	29
FESTIVAL	58
DVD	30
VOICE	32
AUDIOVISUAIS	32
EMISSORAS	34
CEGO	38
PERSONAGENS	76
ROTEIROS	35
LEGENDAS	34
ACESSIVEL	37
CENAS	51
TRILHA	13
CEGAS	27
TRADUÇÃO	109
NARRAÇÃO	41
LEGENDAGEM	22
ENTENDIMENTO	48
OVER	32
AUDIODESCRITO	20

VIDENTES	21
PEÇA	59
MULTIMODAL	20
PRODUTOS	55
AUDITIVA	19
MUSEUS	34
PÚBLICO	91
VOZ	55
CEGUEIRA	20
EXIBIÇÃO	28
OLHAR	57
SEMIÓTICOS	14
AUDIODESCREVER	14
CONSULTA	34
ELABORAÇÃO	51
DIÁLOGOS	28
VOLUNTÁRIOS	22
ESTREIA	13
DESCREVER	32
LEGENDA	21
PROGRAMAÇÃO	35
LIBRAS	16
SURDOS	21
DIREITOS	48
DUBLAGEM	13
GRAVAÇÃO	23
DIGITAL	25

NORMA	31
FALAS	27
PESSOA	76
NOVELA	23
SESSÕES	20
IMAGENS	73
SEMIÓTICA	16
LEITURA	61
RÁDIO	31
DOCUMENTAÇÃO	9
METRAGEM	16
FONES	13
CURTA	20
SIMULTÂNEA	13
ROTEIRISTA	11
TRANSMISSÃO	23
ASSOCIAÇÃO	35
SECRETARIA	29
COMERCIAL	28
PROFISSIONAIS	35
TÉCNICA	42
ENTONAÇÃO	12
ESTÚDIO	17
ESPECTADOR	22
VÍDEOS	15
RETRATADOS	9
INCLUSIVA	9

VIDENTE	9
PROMOÇÃO	15
PREFERÊNCIAS	11
LOCUÇÃO	15
LAZER	19
MODALIDADES	16
RADIODIFUSÃO	7
CABINE	9
SOM	26
PROVIDÊNCIAS	11
ASSISTIVA	6
ANDAIME	6
ENXERGAM	6
COMPREENSÃO	39
OUVIDO	17
CULTURAIS	29
EDUCATIVA	10
ORIGINAL	45
TATO	7
GRAVADA	10
SOLISTAS	9
DEIXAS	6
BARREIRAS	11
ENTRETENIMENTO	14
TÁTEIS	6
ENXERGAR	12
SONORA	11

CURTAS	13
CANAIS	11
BARBEIRO	11
ENREDO	14
SOBREPOR	7
DUBLADOS	5
MIXAGEM	8
DOCUMENTÁRIOS	12
OBSERVADOR	13
CONTATO	31
METRAGENS	8
DESCRIÇÕES	18
EMOÇÃO	17
PRIMEIRA	88
TOM	19
EVENTOS	25
RECEPÇÃO	14
PESQUISAS	41
PERCEBER	29
VISÃO	43
ÂMBITO	20
DETALHES	28
INTERAGIR	7
TRABALHOS	46
RETANSMISSÃO	5
IMAGENS	8
PARTICIPANTES	18

PUBLICA	14
IMPORTANTE	71
FREQUENTES	6
AUTORAÇÃO	6
ENQUADRE	4
FEEDBACKS	4
SENSIBILIZAÇÃO	7
NEUTRA	8
PROFISSIONAL	28
RECURSOS	55
CONSUMIDORES	10
IMPRESSÕES	10
SENSORIAL	7
CIDADÃOS	15
FIGURINO	7
SINAIS	18
NARRADOR	17
TRANSMITIDAS	6
GRAVADO	9
PALAVRA	15
CORPUS	8
MÉTODO	4
TEXTOS	23
RUBRICAS	5
MENU	5